



A Indisciplina nas Aulas de Educação Física

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional
apresentado à Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto com vista à
obtenção do 2º ciclo de estudos
conducente ao grau de Mestre em
Ensino da Educação Física nos
Ensinos Básico e Secundário (Decreto-
lei nº 74/2006 de 24 de Março e o
Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de
Fevereiro)

Orientadora: Mestre Cristina Côrte-Real

Mariana Miranda Teixeira Pinto

Porto, julho de 2015

Ficha de Catalogação

Pinto, T. M. M. (2015). A Indisciplina nas Aulas de Educação Física. Porto: M. Pinto. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, PROFESSORA-ESTAGIÁRIA, ESCOLA, INDISCIPLINA.

Agradecimentos

Com a finalização deste Relatório de Estágio Profissional não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que, direta ou indiretamente me ajudaram nesta caminhada tão importante da minha vida pessoal e profissional.

À minha Orientadora, Mestre Cristina Côrte-Real, que apesar do pouco tempo disponível, foi parte essencial para a concretização deste projeto.

À minha Professora Cooperante, Paula Águas, pelos ensinamentos, companheirismo e por toda a disponibilidade, sendo um exemplo enquanto profissional e pessoa.

Ao corpo docente e não docente da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora por me terem feito sentir parte da vossa “casa” e pela amabilidade, simpatia e disponibilidade.

Aos meus colegas de estágio, Mariana Duarte e Filipe Alves, pelos momentos que partilhámos neste ano de estágio.

Às turmas do 6ºA, 7ºC, 8ºB e 8ºC da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora, um muito obrigado, por todos os momentos vividos, ricos em aprendizagem.

Pela minha educação, e construção como Mulher, ou pela determinante financeira que me permitiu concluir este curso, um obrigado à minha família, em especial aos meus pais e à minha irmã.

A ti, Avó Irene, que partiste cedo demais, pois fizeste de mim a pessoa que sou hoje. Agradeço o apoio, a confiança e o amor que sempre me deste e que mesmo já não estando cá senti-te e sinto-te sempre presente.

A ti, Amélia, por seres especial na minha vida e por seres um apoio incondicional em todos os momentos.

Aos meus amigos, pela amizade e por fazerem parte da minha vida.

A ti, Fernando Barros, possuidor de grande parte do meu coração, por seres especial na minha vida, por fazeres parte dela e por seres uma ajuda incondicional em todos os momentos. Sem ti dificilmente conseguiria ter chegado até aqui. Obrigado por estares ao meu lado no melhor e no pior.

Índice Geral

Índice de Quadros	VII
Índice de Figuras	IX
Índice de Anexos	XI
Resumo	XIII
Abstract	XV
Abreviaturas	XVII
1. Introdução	1
2. Dimensão Pessoal	3
2.1. Identificação Pessoal	3
2.2. Expetativas e Impacto do Estágio Profissional	6
3. Enquadramento da Prática Profissional	11
3.1. Enquadramento do Estágio Profissional	11
3.2. Enquadramento Legal e Institucional	11
3.3. Enquadramento Funcional	13
3.3.2. A Escola	14
3.4. Núcleo de Estágio	16
3.5. Grupo de Educação Física	17
3.6. Professora Cooperante	17
3.7. A Turma	18
4. Realização da Prática Profissional	23
4.1. Área 1: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”	23
4.1.1. Conceção	23
4.1.2. Planeamento	24
4.1.2.1. Planeamento Anual	25
4.1.2.2. Unidades Didáticas	26
4.1.2.3. Plano de Aula	29
4.1.3. Realização	32
4.1.3.1. Instrução	33
4.1.3.2. Gestão	36
4.1.3.3. Clima / Disciplina	37
4.1.4. Avaliação	39

4.2.	Área 2: “Participação na Escola e Relações com a Comunidade”	42
4.2.1.	Aulas de Demonstração	42
4.2.1.1.	Andebol.....	42
4.2.1.2.	Dança.....	43
4.2.2.	Corta-Mato	44
4.2.2.1.	Escolar	44
4.2.2.2.	Distrital	46
4.2.3.	Mega Sprint.....	47
4.2.4.	Clube de Dança.....	49
4.2.5.	Batismo de Mergulho e <i>Snorkling</i>	49
4.2.6.	Gerês.....	51
4.2.7.	Cicloturismo.....	52
4.2.8.	Reuniões	53
4.3.	Área 3: “Desenvolvimento Profissional”	55
5.	A Indisciplina nas Aulas de Educação Física.....	57
5.1.	Resumo	57
5.2.	Abstract.....	58
5.3.	Introdução	59
5.4.	Pertinência do estudo.....	61
5.5.	Objetivos	62
5.6.	Metodologia.....	62
5.6.1.	Amostra	62
5.6.2.	Instrumentos e Procedimentos de Recolha e Análise de Dados.....	63
5.6.2.1.	Questionário.....	63
5.6.2.2.	Observação.....	64
5.7.	Apresentação e Discussão de Resultados.....	66
5.8.	Conclusão	74
5.9.	Referências Bibliográficas.....	76
6.	Conclusão Geral e Perspetivas para o Futuro	83
7.	Referências Bibliográficas	85
	Anexos	XIX

Índice de Quadros

Quadro 1. Aulas das Turmas Partilhadas.....	18
Quadro 2. Aulas das Quatro Turmas.....	19
Quadro 3. Importância da Educação Física para a Formação Pessoal	20
Quadro 4. Expetativas referentes à disciplina de Educação Física.....	21
Quadro 5. Exemplo de um Plano Anual	26
Quadro 6. Exemplo de uma Unidade Didática	28
Quadro 7. Cabeçalho do Plano de Aula	29
Quadro 8. Estrutura do Plano de Aula.....	30
Quadro 9. Participantes inscritos da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora	48
Quadro 10. Vencedores do evento Mega Sprint da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora	48
Quadro 11. Desenvolvimento Profissional	55
Quadro 12. Perceção dos Alunos face ao seu comportamento nas aulas de EF	66
Quadro 13. Perceção dos Alunos face ao seu comportamento, dentro das categorias de comportamento, nas aulas de EF	67
Quadro 14. Comportamentos observados dos Alunos, nas diferentes categorias, nas aulas de EF	68
Quadro 15. Comportamentos observados nas três aulas de Basquetebol e nas três aulas de Ginástica.....	69
Quadro 16. Preferências dos Alunos face às duas modalidades: Basquetebol e Ginástica	69
Quadro 17. As subcategorias observadas, dentro das categorias Distrações e Entretenimento e Barulho, nas três aulas de Ginástica.....	70
Quadro 18. As subcategorias observadas, dentro das categorias Distrações e Entretenimento e Deslocações e Movimentos, nas três aulas de Basquetebol	71
Quadro 19. Alterações que os alunos fariam nas diferentes dimensões: espaço de aula, professor, colegas ou neles próprios	72

Índice de Figuras

Figura 1. Escola	15
Figura 2. Roulement de Espaços Desportivos	16
Figura 3. Grelha de Comportamento dos Alunos	41
Figura 4. Apresentação dos Treinadores do Boavista.....	43
Figura 5. Aula de Demonstração de Andebol.....	43
Figura 6. Aula de Demonstração de Dança	44
Figura 7. Inclusão de três alunos com NEE	44
Figura 8. Ativação Geral dos Alunos no Corta-Mato Escolar	45
Figura 9. Local de Partida do Corta-Mato Escolar.....	45
Figura 10. Prémios do Corta-Mato Escolar	46
Figura 11. Corta-Mato Distrital	47
Figura 12. Batismo de Mergulho	51
Figura 13. Jogos Aquáticos e Snorkling	51
Figura 14. Caminhada no Gerês	52
Figura 15. Percurso do Trilho dos Currais.....	52
Figura 16. Cicloturismo	53
Figura 17. Percurso do Cicloturismo	53

Índice de Anexos

Anexo 1	XX
Anexo 2	XX
Anexo 3	XX
Anexo 4	XX
Anexo 5	XX
Anexo 6	XX
Anexo 7	XX
Anexo 8	XX
Anexo 9	XX
Anexo 10	XX

Resumo

O Estágio Profissional promove a aquisição de um conjunto de saberes profissionais e pessoais, de atitudes práticas na identificação e resolução de problemas pedagógicos, que servirão como base para uma possível integração numa carreira docente na área da Educação Física. O Estágio Profissional insere-se nos dois últimos semestres do plano de estudos do 2º Ciclo de estudos no Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao qual requer a elaboração de um relatório que documente todo o processo de formação, refletindo sobre as três áreas de desempenho: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem, Participação na Escola e a Relação com a Comunidade e por fim, o Desenvolvimento Profissional. Este documento é o reflexo de um percurso desenvolvido numa Escola com um núcleo de Estágio composto por três elementos, supervisionado pela Professora Cooperante da Escola e pela Orientadora de Estágio da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao longo do ano letivo 2014/2015. O presente relatório de estágio encontra-se dividido em cinco partes, sendo eles: Introdução; Dimensão Pessoal; Enquadramento da Prática Profissional; Realização da Prática Profissional; e Estudo de Investigação. A Introdução refere como está estruturado todo o relatório, enquanto que a Dimensão Pessoal diz respeito ao meu percurso profissional e pessoal. O Enquadramento da Prática Profissional aborda o contexto teórico, legal, institucional e funcional do estágio e a Realização da Prática Profissional divide-se nas três áreas de desempenho onde estão apresentadas as vivências, dificuldades, estratégias e satisfações ao longo do estágio. Por fim, o Estudo de Investigação reporta-se à “A Indisciplina nas Aulas de Educação Física”.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, PROFESSORA-ESTAGIÁRIA, ESCOLA, INDISCIPLINA.

Abstract

Professional internship promotes the acquisition of a set of professional and personal knowledges, of skilled attitudes in the identification and resolution of pedagogical problems which will be as the base for a possible integration in a teaching career in the physical education area. The professional internship is inserted in the last two studying plan semesters of the 2th cycle of physical education teaching in the Basic and Secondary Formation Stages of the Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, and the completion requires the elaboration of a report documenting all the formation process, reflecting about the four areas of development including Teaching and Learning Organization and Management, School Participation, Community Relations and Professional Development. This document is the reflex of a journey developed in a School with a internship's group composed of three elements, supervised by the School's cooperative teacher and by the internship advisor of Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, along the School year of 2014 / 2015. The present report is divided in five parts, as follows: Introduction (Preface); Personal Dimension; Professional Practice Framework; Professional Practice Accomplishment; and the Research Study. The Introduction reflects the structure of all the paper work and the Personal Dimension refers to my professional and personal journey. The Professional Practice Framework approaches the theoretical, legal, institutional and functional context of the internship and the Professional practice accomplishment divides itself into the three performance areas where are presented the life experience, difficulties, strategies and satisfactions along the internship. And finally the research study reports the "Indiscipline in Physical Education Classes".

KEYWORDS: PROFESSIONAL INTERNSHIP; PHYSICAL EDUCATION; TRAINEE TEACHER; SCHOOL; INDISCIPLINE.

Abreviaturas

EF: Educação Física

EEFEBS: Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

EP: Estágio profissional

EE: Estudante-Estagiário

FADEUP: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

ISMAI: Instituto Superior da Maia

NEE: Necessidades Educativas Especiais

PC: Professora Cooperante

PFI: Projeto de Formação Individual

PD: Portfólio Digital

RE: Relatório de Estágio

UD: Unidade Didática

1. Introdução

O ano de estágio é um ano crucial para nós, estudantes-estagiários (EE). É o final de um ciclo de estudos em que aplicamos todos os conhecimentos adquiridos.

O Estágio Profissional (EP), marca a tão ansiada passagem do papel de aluno para o papel docente. Um ano real onde podem ser aplicados quatro longos anos de estudos teórico-práticos. O EP deve exprimir o “clímax” da formação e deve garantir o domínio das competências requeridas com a profissão docente (Proença, 2008).

O presente relatório surge no âmbito do EP realizado numa Escola, como uma componente indispensável para a demonstração de competências desenvolvidas. O EP está inserido no plano de estudos do 2º ano, no decurso do ano letivo de 2014/2015, do 2º ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (EEFEBS).

O objetivo deste documento prende-se com a necessidade de relatar as experiências e vivências decursivas da prática que contribuíram para a transformação de um conhecimento académico em conhecimento profissional. O relatório está articulado com a minha experiência como EE e pretende justapor aquilo que aprendi ao longo da minha formação com a realidade premente e momentânea que é o ensino da Educação Física (EF).

Este projeto individual está organizado em cinco partes. A primeira parte corresponde à “Introdução” onde realizo uma síntese geral do conteúdo de todo o relatório. A segunda parte diz respeito à “Dimensão Pessoal” que detém um carácter autobiográfico, relatando as minhas vivências pessoais e desportivas, nomeadamente pelas experiências iniciais, expectativas e dificuldades, dando algum destaque às motivações que me levaram à escolha desta profissão. Na terceira parte são organizados os temas relacionados com o “Enquadramento da Prática Profissional” num contexto teórico, institucional e funcional até à caracterização do referido contexto do EP. A quarta parte diz respeito à

“Realização da Prática Profissional” onde são abordadas as vivências relacionadas com cada área de desempenho, de acordo com o que o Regulamento do EP profere: Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem”; Área 2 – “Participação na Escola e Relações com a Comunidade”; Área 3 – Desenvolvimento Profissional”. Na quinta e última parte é elucidado de forma detalhada e sustentada um estudo que decorreu de um problema ocorrido na lecionação das minhas aulas – “A Indisciplina”. Neste estudo exponho algumas das orientações metodológicas do estudo investigação-ação, como os objetivos, caracterização da amostra, instrumentos utilizados e apresentação/discussão dos resultados.

2. Dimensão Pessoal

2.1. Identificação Pessoal

“Quem sou eu? Sou uma pessoa feliz, amo muito a vida, e dela sou aprendiz; tenho várias paixões, mas, como qualquer um, possuo imperfeições; se os caminhos desta vida, ainda não sei de cor, pelo menos procuro, a cada dia, tornar-me alguém melhor.”

Dennys Távora, s.d.

É difícil falar sobre a minha pessoa, pois considero que se vai moldando consoante o passar da vida. De forma, o mais sucinta possível vou realizar uma retrospectiva sobre tudo que sou mediante experiências vividas, formações escolares e sociais e os pontos mais marcantes deste percurso atribulado até aos dias de hoje. Todos estes aspetos influenciaram, não só a pessoa que hoje represento na sociedade, como o que pretendo ser futuramente.

O meu nome é Mariana Miranda Teixeira Pinto, tenho vinte e cinco anos e sou natural do Porto. O meu percurso escolar foi um pouco impetuoso, devido a problemas pessoais e familiares que foram surgindo ao longo dos anos. Estes problemas, que prefiro guardar só para mim por serem demasiado pessoais, tornaram-me na pessoa que sou hoje. Nem sempre são as coisas boas que nos fazem amadurecer. Uma das consequências deste meu percurso agitado foi o facto de ter frequentado quatro escolas diferentes no Ensino Básico e Secundário. Frequentei o 1º ano até ao 6º ano a Escola Francesa do Porto, desde o 7º ano até ao 9º ano a Escola EB 2,3 Secundária Clara de Resende, 10º ano a Escola Secundária Garcia de Orta, do 11º ano até ao 12º ano a Escola Secundária Carolina Michaelis e por fim, entrei para o Ensino Recorrente no Externato Académico, para concluir uma disciplina em atraso.

No Ensino Secundário optei por seguir a área de Ciências e Tecnologias. Como ainda não sabia ao certo aquilo que pretendia para o futuro, esta minha opção recaiu na área com mais saídas profissionais. Contudo, rapidamente

percebi que a junção do amor que tinha pelas crianças e pelo desporto era aquilo que realmente me preenchia.

Desde sempre gostei de atividade física, gosto este, em grande parte inculcido pela minha mãe, que desde nova é bastante ligada ao desporto e portanto pode dizer-se que é uma espécie de herança. Entrei aos três anos de idade na ginástica rítmica e a partir dos seis anos entrei na dança tendo sido “amor à primeira vista”. Pratiquei, desde os nove anos de idade até aos dezasseis anos, Equitação e Ski. A dança é uma das minhas grandes paixões, pois faz-me sentir num mundo onde todos os problemas são esquecidos ou inexistentes. Permite-me estar longe da realidade durante o tempo que eu quiser e de estar perto de outras culturas, onde os ritmos são diferentes e os tipos de dança variados. Possibilita-me socializar com pessoas de várias gerações com histórias de vida apaixonantes e de comunicar com o corpo tudo aquilo que não consigo transmitir por palavras. Faz-me sentir feliz sempre que me sinto menos feliz. Para mim a dança transmite felicidade e possibilita a comunicação que só alguns entenderão.

“A dança é a linguagem escondida da alma.”

Martha Graham cit. por Roger Dance, s.d.

Nos meandros da escola participei na grande maioria das atividades existentes e das quais mais gostava como torneios inter e intra turmas, eventos desportivos realizados na escola, corta-matos, entre outros. Tenho a sensação que estas atividades contribuíram positivamente para o aumento do gosto pelo desporto.

Foi com base nestas experiências que decidi então tirar o curso “Educação Física e Desporto” no Instituto Superior da Maia (ISMAI), situado na Maia. Foi um verdadeiro desafio, conheci professores incríveis que me fizeram crescer como pessoa e profissional enriquecendo-me com conhecimentos que são e vão ser úteis para o futuro.

Um dos ramos que inicialmente pretendia seguir era o ramo do *Fitness*, e para tal ingressei em dois cursos na Academia do Ave, situada na Trofa, *Indoor*

Cycling e Personal Trainer. Quando concluí estes cursos tive oportunidade de contactar com professores e formadores que trabalhavam já neste ramo há vários anos e constatei que possivelmente não era o trabalho ideal para mim. É uma profissão que exige uma formação incessante e, que se não tivermos os recursos monetários necessários, não é compensatória no conseguimento de uma vida estável a longo prazo. Considero ser uma lutadora, mas não ao ponto de sentir que me posso prejudicar futuramente. A idade vai avançando e eu só tenho em mente construir uma família e deter a minha independência e para tal, não é possível, num futuro próximo, a obtenção de formações constantes que são necessárias na área do *Fitness*.

No final da Licenciatura decidi então realizar o Mestrado de EEFEBS e assim foi, ingressei na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP). Considero que foi uma decisão fácil, tendo em conta que não tive dúvidas do que realmente pretendia. Todavia confesso que pensei em desistir em vários momentos, não por duvidar que era isto que queria, mas sim pelo excesso de carga de trabalho e pelos problemas que foram surgindo dentro dos meus grupos de trabalho. Também pela pressão que senti em muitos momentos vividos dentro e fora da faculdade que me tiraram as forças para conseguir superar tudo isto. Porém, em grande parte, graças ao apoio incondicional do meu companheiro, não cedi à pressão, consegui superar as minhas fraquezas e ganhei forças para lutar pelos meus sonhos. São estes obstáculos que nos fazem crescer, que nos ensinam que na vida nem tudo é fácil e que o importante é não desistir.

“Ser derrotado é normalmente uma condição temporária. Desistir é o que a faz permanente.”

Marilyn vos Savant cit. por Miguel Lucas, 2010

Exerci a profissão de Treinadora de Minibasquete no Clube União Académica António Aroso onde optei por sair, este ano, por motivos pessoais. O escalão que treinei dizia respeito aos Mini8. Esta experiência começou há cerca de um ano atrás e quando me foi proposto não hesitei e aceitei logo. A minha ligação com o Basquetebol era praticamente nula, confesso até mesmo que era

das modalidades que menos gostava. Ainda assim, aceitei a vaga pela experiência e também pelas crianças.

Se por um lado, é importante promover nos alunos um espírito de competição circunjacente ao contexto desportivo, por outro lado deve ser tido em conta que os conteúdos e as preocupações num contexto escolar são muito distintas daquelas que se verificam num treino. Vickers (1989, p. 148) defende “que existem mais semelhanças entre o treino e o ensino do que dissemelhanças”. Talvez seja verdade que um professor consiga ser um bom treinador e vice-versa, mas é perigosa a extrapolação de hábitos e rotinas de um meio para o outro, dado que os objetivos são de natureza distinta. Mesmo assim, não deixou de ser uma experiência valiosa.

Todo este percurso proporcionou-me a aquisição de um conjunto de capacidades que tento incutir nesta minha passagem para a realidade escolar. Com toda a construção deste caminho que fazem ser quem eu sou, tive sempre ao meu lado pessoas especiais. Todos eles ensinaram-me, através das suas experiências, a nunca desistir de procurar o que mais me fazia feliz e, mais que guiar-me pelo melhor caminho, ajudaram-me a saber pegar nas pedras que me apareciam criando um repertório de conhecimentos que me ajudasse a enfrentar situações adversas no futuro.

Segundo Gati et al (1996), “a escolha deve procurar meditar sobre os anseios pessoais sem, porém, desconsiderar a realidade do mercado de trabalho.” No meu caso, o sonho de ser professora de EF, não sei quando nem como surgiu mas, se fosse considerar a realidade que vivemos hoje em dia com a escolha do que realmente pretendia, não seria certamente esta a escolha, mas o meu coração sobrepôs-se a todas estas evidências.

Hoje sinto que tomei a melhor opção, e apesar de nunca descartar outras opções que poderão surgir no futuro, sinto-me realizada.

2.2. Expetativas e Impacto do Estágio Profissional

Feiman-Nemser e Norman (2000) investigaram e enumeraram as competências que os estagiários (futuros docentes) deverão possuir, sabendo

que as tarefas centrais do professor estão em consonância com as tarefas baseadas na aprendizagem no ensino. Estes autores dizem ainda que “os futuros profissionais da área terão que, desenvolver conhecimento útil e conectado sobre a matéria de ensino; desenvolver um entendimento dos alunos, da aprendizagem e de questões de diversidade; desenvolver um relatório inicial de planeamento, ensino e gestão; desenvolver as ferramentas para futuros estudos sobre o ensino-aprendizagem, pois o ano de estágio é um ano que proporciona o desenvolvimento de habilidades de ensino, e que propicia a interação com diferentes grupos que se tornam num recurso valioso para o desenvolvimento e melhoria das práticas.”

As minhas expectativas iniciais eram sobretudo na base do querer experienciar tudo que uma realidade escolar me poderia proporcionar. Pretendia alcançar um nível de formação que me permitisse, no futuro, utilizar metodologias apropriadas e diferenciadas. Ambicionava conseguir orientar uma aula proporcionado um clima agradável aos alunos; obter o controlo da turma na aula e conseguir avaliar os alunos de forma honesta e ponderada; adquirir as competências necessárias para alterar e reformular uma planificação pré-estabelecida, quando com esta não se verifica uma evolução e sucesso por parte dos alunos.

Desejava conquistar um vasto leque de conhecimentos relacionados com a organização e dinamização de diferentes atividades a desenvolver com os alunos. Tencionava experienciar o contato com os Encarregados de Educação e vivenciar os diversos tipos de reuniões. E em caso de ter alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) saber trabalhar com eles, ajustando a planificação às necessidades e capacidades de cada um.

O EP é um momento único de aprendizagem. Este momento assume particular interesse na formação dos professores por ser uma etapa de convergência, de confrontação entre os saberes “teóricos” da formação inicial e os saberes “práticos” da experiência profissional e da realidade social do ensino (Piéron, 1996, cit. por Rodrigues e Ferreira, s/d). É aqui que o EE terá a oportunidade de usar o conhecimento adquirido, adaptando-o da melhor forma às circunstâncias reais. Com efeito, a prática de ensino oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais

diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas, que comprometem o sentir, o pensar e o agir daquela comunidade específica (Batista e Queirós, 2013).

O professor deve ser formado durante a formação inicial para ter a capacidade de adaptação aos ventos de mudança científica, tecnologia social e cultural, que ocorrem a um ritmo exponencial, por forma a não comprometer a inovação e a renovação desejadas, e consideradas condições indispensáveis à melhoria da qualidade do ensino e da eficácia organizacional das escolas (Ruivo, 1997, cit. por Batista e Queirós, 2013).

Estava bastante expectante, mas decidi partir de uma ideia de adaptação necessária e indispensável para que pudesse ter algum sucesso dentro deste contexto. Tentei absorver tudo o que era novo com um olhar, simultaneamente, crítico e reflexivo, sabendo que antes de atuar sobre qualquer ambiente é primordial conhecê-lo primeiro. E agora terminado este ciclo sinto que tudo aquilo que esperava do EP foi concretizado, uns com menos e outros com mais dificuldades.

Aprendi muita coisa do contato que estabeleci com docentes, com a professora cooperante (PC) e com os colegas de estágio, mas sobretudo com os alunos nos momentos em que se desenvolveu a prática pedagógica. Foi através deles e para eles que me deverei melhorar, para fazer um trabalho que lhes proporcione aprendizagens efetivas e duradouras.

Ao longo deste tempo, deparei-me com um problema que foi difícil de superar, sendo este o controlo disciplinar da minha turma residente. Várias estratégias foram implementadas para contrariar este problema. Tratou-se de um processo vagaroso e as minhas estratégias nem sempre surtiram efeito. A meio do ano letivo adotei uma estratégia que se tornou decisiva na melhoria da lecionação das minhas aulas. Essa estratégia consistiu numa mudança necessária à minha pessoa. Quero dizer com isto, que o problema não estava só nos alunos mas também no que eu transmitia aos alunos. Estava com falta de confiança, de motivação e de autoestima. Não era demasiado assertiva nos advertimentos dos comportamentos de desvio, o que resultava na falta de controlo na turma. Esta mudança foi crucial, progredi bastante e hoje em dia

sinto-me muito mais confiante e, sobretudo, adquiri uma perceção autocrítica orientada para a autoanálise.

O filme “*The Ron Clark Story*” ajudou-me a perceber o verdadeiro sentido da frase “ser professor”: o de nunca desistir, enfrentar os desafios e acreditar em mudanças. Este filme é baseado em factos reais e mostra um professor interessado na vida dos seus alunos, um professor que motiva e faz com que cada criança acredite nela mesma. Exibe também desafios como a indisciplina, violência e indiferença dos alunos. Este filme fez-me acreditar mais nas minhas capacidades e acreditar que nós, professores, podemos fazer a diferença.

O professor tem de assumir uma postura de empenhamento autoformativo e autonomizante, tem de descobrir em si as potencialidades que detém, tem de conseguir ir buscar o seu passado e o seu futuro, tem de ser capaz de interpretar o que vê fazer, de imitar sem copiar, de recriar, de transformar. Só o conseguirá se refletir sobre o que faz e sobre o que vê fazer (Alarção, 1997).

Hoje, concluído o estágio, sinto que além de mais experiente sou uma professora reflexiva e que toma as suas decisões de forma mais ponderada e assertiva. Espero exercer a profissão, num futuro próximo, para poder colocar em prática tudo o que aprendi, ao longo deste ano, e acima de tudo, participar na educação dos alunos tornando-me num exemplo para os mesmos.

3. Enquadramento da Prática Profissional

3.1. Enquadramento do Estágio Profissional

A prática do ensino oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas, que comprometem o sentir, o pensar e o agir daquela comunidade específica (Batista e Queirós, 2013).

O EP possui características próprias e complexas. Neste sentido, é entendido como um projeto de formação do estudante com a integração do conhecimento proposicional e prático necessário ao professor, numa interpretação da relação teoria-prática e contextualizando o conhecimento no espaço escolar. Pretende-se que se desenvolvam a capacidade reflexiva em consonância com os critérios do profissionalismo docente e o conjunto das funções docentes entre as quais sobressaem cargos letivos, de organização e gestão, investigativas e de cooperação. A imensidão de funções a que o docente é confrontado remete para a noção de polivalência que permite uma inter-relação entre a teoria e a prática.

3.2. Enquadramento Legal e Institucional

A FADEUP orienta o EP no campo da docência, que dispõe no seu ciclo de estudos do 2º ano de Mestrado de EEFEBS, segundo algumas exigências legais, funcionais e institucionais.

Em relação ao contexto legal, o EP rege-se pelos princípios presentes na legislação específica relativa à habilitação profissional para a docência e para o grau de Mestre. A estrutura e o funcionamento estão regulamentados nos Decreto-lei nº 74/2006, de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007, de 22 de Fevereiro.

A nível institucional, o EP é uma unidade curricular do segundo ciclo de estudos do Mestrado de EEFEBs incorporado na FADEUP. Nos dois primeiros semestres a faculdade apetrecha-nos de um conhecimento teórico sobre tudo aquilo que está inerente à Escola e um conhecimento pedagógico e didático algo redutor que apenas nos transmite algumas noções elementares do ato de ensinar desprovida de um contexto. No 3º e 4º semestre a Faculdade aposta em lançar-nos para o terreno no qual temos que lecionar aulas sob a supervisão de um PC e de um orientador proveniente da instituição promotora do estágio.

A instituição promotora desta experiência apresenta o seu próprio enquadramento, que a distingue das demais instituições, devidamente estruturado e orientado. Desta forma, o relatório apresenta três áreas de desempenho interligadas:

- Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem” – área que engloba a Conceção, o Planeamento, a Realização e a Avaliação. O objetivo passa por construir uma forma de intervir no processo de ensino e educação dos alunos que seja regido por orientações pedagógicas.
- Área 2 – “Participação na Escola e Relações com a Comunidade”: área em que se pretende que o EE ajude, através do seu trabalho e dedicação, ao sucesso educativo de forma contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora. Pretende-se, ainda, que seja desenvolvido o trabalho de conhecimento da comunidade escolar, promovendo a participação ativa dos encarregados de educação no seio escolar e proporcionando a integração de intervenções que envolvam as potencialidades da comunidade escolar.
- Área 3 – “Desenvolvimento Profissional”: área em que o EE reflete e trata os assuntos relacionados com a sua atividade profissional, que, por sua vez, advêm da experiência e investigação.

3.3. Enquadramento Funcional

3.3.1. A Escola como Instituição

A Escola é uma instituição estrutural da sociedade, próspero em potencialidade de desenvolvimento social e cultural. A intenção da escola não pode ser outra senão educar, transformar e criar, munindo o indivíduo de ferramentas para se expandir. Segundo Carvalho (2006), a educação é hoje unanimemente considerada um dos principais veículos de socialização e de promoção do desenvolvimento individual. Inserindo-se num contexto histórico, social e cultura mais amplo, os sistemas educativos acabam por ilustrar os valores que orientam a sociedade e que esta quer transmitir. É neste sentido que se pode falar, globalmente, de uma cultura, que se cria e preserva através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade e, especificamente, numa cultura escolar, isto é, num conjunto de aspetos, transversais, que caracterizam a escola como instituição (Carvalho, 2006).

Não pretendemos formar atletas nem partir de uma lógica de especialização, pretendemos dotar os alunos de condições para se experimentarem em diversos meios. Incute-se assim, um conhecimento básico e estrutural que deve ter valência na cultura desportiva e nos valores psicossociais. Estes valores psicossociais deverão ser repercutidos na vida do aluno. Para isso, deverá ser incitado o hábito e o gosto pela prática desportiva.

A educação escolar desempenha um papel de sociabilização contribuindo para a interiorização pelo indivíduo dos valores da sociedade. É neste sentido que a escola constitui uma instituição de primeira linha na constituição de valores que indicam os rumos pelos quais a sociedade trilhará o seu futuro (Souza, 2001, cit. por Carvalho, 2006).

É também importante ressaltar o papel da EF na escola e aqueles que devem ser os desígnios centrais da disciplina. De acordo com Bento (1987) o objetivo da EF é “garantir um nível elevado da formação básica – corporal e desportiva de todos os alunos. Como disciplina escolar a Educação Física constitui a forma fundamental e mais importante da formação corporal das

crianças e jovens, na qual o respetivo professor conduz um processo de educação e aprendizagem motora e desportiva.”

“Educação Física é educação, na medida em que reconhece o homem como arquiteto de si mesmo e da construção de uma sociedade melhor e mais humana.”

Vítor Marinho de Oliveira, 2012

A educação tem como finalidade promover mudanças desejáveis e estáveis nos indivíduos; mudanças que favoreçam o desenvolvimento integral do Homem e da sociedade (Carvalho, 2006).

“A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal.”

Nelson Mandela, 2000

3.3.2. A Escola – EB 2,3 da Senhora da Hora

No ano de 1977/78, foi criada a Escola Preparatória da Senhora da Hora, assim batizada em homenagem a uma santa a que se ligavam tantas crenças e a que a freguesia já devia o seu nome. Foi criada com o intuito de se conseguir uma maior democratização no ensino público e se conceder uma maior igualdade de oportunidades. Dadas as sucessivas reestruturações, reformas, inovações, o primeiro edifício foi-se tornando antiquado e com problemas de construção acrescido de falta de espaços para albergar em condições logísticas, de acordo com o exigido nos novos programas, os alunos que desejavam frequentar a escola.

Em 2003, foi então inaugurada a nova Escola Básica, de 2º e 3º ciclo do Ensino Básico da Senhora da Hora (conforme figura 1). Esta escola pertence ao Concelho de Matosinhos, Distrito do Porto. É uma escola que abrange 2º e 3º ciclo, do 5º ao 9º ano de ensino básico e possui apoio a crianças com NEE e a crianças economicamente desfavorecidas (SASO).



Figura 1. Escola

Na escola existem sete turmas do 5º ano, seis turmas do 6º ano, cinco turmas do 7º ano, quatro turmas do 8º ano e por fim, quatro turmas do 9º ano.

Esta escola contempla espaços de apoio ao ensino, espaços de circulação, campo de jogos, pavilhão polidesportivo e jardins. No que diz respeito ao espaço desportivo, os alunos podem usufruir de um campo de jogos no espaço exterior permitindo a prática de diferentes modalidades e é composto por uma pista de atletismo, destinada sobretudo à corrida de velocidade, barreiras e estafetas. Este espaço, por sua vez, representa um convite à atividade física e prática desportiva aos alunos durante os intervalos.

O Pavilhão Polidesportivo encontra-se em boas condições e é composto por um recinto multiusos com uma bancada composta por cadeiras individuais, um ginásio com espelho, quatro balneários, um gabinete para os professores de EF e uma arrecadação para o material. Na entrada do Pavilhão existe um espaço ocupado por cacifes, onde os alunos colocam os seus pertences pessoais e um espaço de receção, que é ocupado por dois funcionários diferentes, um no turno da manhã e o outro no turno da tarde. A escola fornece assim, condições espaciais, materiais e humanas, para que os alunos tenham aprendizagens plenas, enriquecedoras e harmoniosas nas diversas modalidades.

No *roulement* de espaços desportivos, a rotação das turmas era realizada entre três espaços sendo eles, o recinto multiusos (ginásio1), o ginásio (ginásio2) e o espaço exterior, condicionando assim o planeamento anual. Ainda dentro do *roulement*, as aulas eram dadas em simultâneo com outras turmas, em espaços diferenciados, tal como se verifica na figura 2.

ROULEMENT (2014/2015) MANHÃ									
	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª				
8.30		9ºC	6ªA		9ªA	8ªD		6ºC	9ºC
9.20			6ºD					5ªA	
9.30		8ªB	5ªF	9ªB	6ªE	5ªD	6ºC	8ªC	7ªA
10.20		6ªB						6ªE	
10.35		9ªD	7ºC	7ªB		6ªB	5ªD	6ªE	7ªD
11.25		5ªB		6ªF		6ºC		6ªA	
11.35		8ªA	C.E.I	7ªD	6ªG	7ºC	6ªB	6ªA	
12.25		D.E.							
12.30		TÉNIS	8ªC	6ªG	C.E.I.	TÉNIS	8ªA		8ªB
13.20								6ªG	
ANA DEOLINDA ARMANDO						GINÁSIO1 GINÁSIO2			
PAULA JOSÉ						EXTERIOR			

Figura 2. Roulement de Espaços Desportivos

As cores no *roulement* representam a quem se destina cada turma, ou seja, o professor responsável por cada turma.

As unidades didáticas (UD) foram dadas alternadamente consoante o espaço a ocupar com a turma. Quando as condições meteorológicas não eram favoráveis à prática desportiva no exterior, o espaço interior era partilhado com a turma que se encontrava dentro do recinto multiusos.

3.4. Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio (anexo 1) era composto por três EE. Conhecia ambos, um pelo contacto estabelecido durante o primeiro ano do 2º ciclo de EEFEBS na FADEUP, o outro conhecia desde o primeiro ano de Licenciatura no ISMAI.

A coesão existente foi facilitadora do desenvolvimento de trabalho conjunto, aproveitando as capacidades de cada um e envolvendo todos ao mesmo tempo.

A troca de experiências, entre todos, foi enriquecedora confessando até que, me ajudou tanto a nível profissional como a nível pessoal.

De uma maneira geral, predominou sempre a entreajuda e o respeito entre todos os elementos, prova disso foi que nunca existiram situações conflituosas.

Todos os elementos do núcleo de estágio tinham formas diferentes de trabalhar, no entanto sempre que possível, para além daquilo que era

estritamente necessário, o grupo partilhou, debateu as dificuldades e as estratégias de resolução.

3.5. Grupo de Educação Física

O primeiro contato com o grupo de EF foi bastante positivo. Apercebi-me, desde logo, que era um grupo unido e que tinha uma certa flexibilidade para discutir e resolver problemas transversais que acabou por resultar a favor da concretização de interesses da EF e da Escola em geral.

Ao longo do tempo, de forma natural, a proximidade e a confiança com o grupo aumentaram, tendo por isso permitido conhecer melhor cada elemento. O grupo revelou ser bastante acessível e sensível à função que desempenhámos.

A única observação negativa que posso relatar foi a recusa por parte de todos os elementos do grupo de EF face às observações que teríamos de realizar. A PC comunicou-nos logo no início do EP que não poderíamos realizar observações aos docentes do grupo de EF, o que acho que teria sido uma mais-valia para nós.

3.6. Professora Cooperante

No início, a minha ligação com a PC foi um pouco difícil devido ao choque de personalidades. Mas como qualquer relação interpessoal temos de “aprender a saber lidar com o outro” e ao longo do tempo a nossa ligação foi fortalecendo.

A PC foi uma mais-valia em toda a minha evolução enquanto EE. Adquiri conhecimentos importantíssimos vindo de alguém que considero ser um exemplo a seguir como pessoa e profissional. Foi uma pessoa sempre presente em todos os momentos vividos dentro do contexto escolar e sempre pronta a ajudar. Segui muitos dos seus conselhos e quase todos eles me deram resultados positivos. Alguns desses conselhos foram relacionados com o controlo da turma, com a gestão da aula, com a minha atuação na leção das aulas, entre outros.

Vou sentir falta das suas chamadas de atenção e dos seus conselhos. Penso ter enriquecido bastante o meu vasto leque de conhecimentos sentindo-me muito mais confiante e segura para entrar no mundo escolar.

3.7. A Turma

No ano letivo 2014/2015, foi-nos atribuído pela PC quatro turmas. Duas das quatro turmas foram partilhadas com os meus colegas estagiários (um 7º ano e um 8º ano). As aulas eram assumidas, alternadamente, por cada um de nós, núcleo de estágio, mas contava sempre com a presença de pelo menos dois estagiários, tal como se verifica no quadro 1.

Quadro 1. Aulas das Turmas Partilhadas

Terças-feiras	Quintas-feiras	Sextas-feiras
7º ano – Mariana Pinto + Colega Estagiário A	7º ano – Os meus dois Colegas Estagiários	8º ano – Mariana Pinto + Colega Estagiário B
8º ano – Núcleo de Estágio (os três)		

As outras duas turmas foram lecionadas apenas por mim, sendo uma delas a minha turma residente (um 8º ano e a minha turma residente um 6º ano). A minha atuação nas aulas de cada turma não foi a mesma, porém a planificação das aulas foi semelhante porque o nível motor do 8º ano não era de todo superior ao do 6º ano, considerando até mesmo o 6º ano melhor que o 8º ano.

Ter tido quatro turmas com três anos de escolaridade diferenciados ajudou-me a perceber que a nossa atuação não pode ser a mesma, tendo em conta as características de cada turma, que as planificações devem ser ajustadas conforme o nível de cada turma e que foi sem dúvida uma mais-valia no meu percurso como EE.

Posto isto, os anos que lecionei, ao longo de todo o ano letivo, dizem respeito ao 6º, 7º e 8º ano (conforme quadro 2).

Quadro 2. Aulas das Quatro Turmas

Terças-feiras	Sextas-feiras
6º ano (50' de aula)	8º ano partilhado (50' de aula)
8º ano (50' de aula)	6º ano (100' de aula)
7º ano partilhado (50' de aula)	8º ano (50' de aula)
8º ano partilhado (50' de aula)	

A turma do 6º ano era composta por vinte e cinco alunos, quinze dos quais eram do género masculino e dez do género feminino. Os alunos desta turma eram, regra geral, bons alunos no que diz respeito ao desempenho motor, contudo muito barulhentos e perturbadores. Tal como refere Marques (1994), “a caracterização dos alunos da turma é importante na medida em que esse conhecimento permite ao professor promover uma melhor integração escolar dos alunos, criando condições mais propícias para o seu desenvolvimento pessoal e social”.

Tal como referi anteriormente, os alunos possuíam um nível motor bom e, regra geral, manifestaram interesse nas atividades, mas revelaram-se emotivos, competitivos e dados a comportamentos insubordinados. Foi então notória a necessidade de disciplina. A minha intervenção incidiu essencialmente em incutir hábitos de disciplina e implementar estratégias na aprendizagem dos alunos. Existiu uma ligação interpessoal bastante positiva entre mim e os alunos, mas priorizei a disciplina, sempre que necessário.

Uma aluna tinha NEE e só frequentou as aulas de EF uma vez por semana, pois frequentava o ensino de educação especial à mesma hora da outra aula de EF. O trabalho que tive com esta aluna foi essencialmente no âmbito da inclusão social, onde lhe atribuí tarefas diferenciadas em cada aula. Estas

tarefas consistiam, por exemplo, no transporte de materiais, na organização da aula / turma, na cronometração de tempos, entre outras. A aluna sentiu-se de tal maneira motivada e integrada que se tornou mais comunicativa e extrovertida.

Relativamente às questões relacionadas com a saúde, não existiam patologias que condicionassem a prática normal da aula de EF. No entanto, dei sempre especial atenção aos alunos com asma e às condições que poderiam desenvolver crises asmáticas. Esta informação adveio de um questionário (anexo 2) que realizei aos alunos com o intuito de atingir alguns objetivos fundamentais, tais como obter um conjunto de informações relevantes acerca das características gerais dos elementos da turma.

Procurei conhecer de forma detalhada os alunos retirando informações acerca do seu percurso escolar, percurso desportivo, historial médico e as suas expectativas em relação às aulas de EF.

Os quadros seguintes (quadro 3 e 4) representam duas das perguntas feitas no questionário e que penso terem sido interessantes.

Quadro 3. Importância da Educação Física para a Formação Pessoal

“Achas a Educação Física importante para a tua formação pessoal?”		
Sim	Não	Não respondeu
88%	8%	4%

O quadro 3 mostra que 88% dos alunos acha a EF importante para a sua formação pessoal, 8% acha que não e somente 4% não respondeu. Para além das respostas sim ou não, também estava abarcada a pergunta “Porquê?” mas nem todos os alunos responderam.

As respostas dos alunos mais pertinentes foram: “Porque a Educação Física me faz bem”; “Porque faz muito bem à saúde”; “Porque faz parte da minha

vida”; “Ajuda-me a ficar mais forte e resistente”; “Porque senão posso ficar fraco, doente”.

Quadro 4. Expetativas referentes à disciplina de Educação Física

“Quais são as tuas expetativas referentes à disciplina de Educação Física?”	
Resposta	Sem resposta
40%	60%

O quadro 4 demonstra que somente 40% dos alunos responderam a esta pergunta. A resposta que os alunos mais referiram foi que esperavam que as aulas de EF fossem “divertidas”. A seleção de atividades de uma aula de EF é importante na medida em que devemos tentar sustentar a motivação dos alunos e proporcionar-lhes aulas dinâmicas e divertidas.

Estes dados ajudaram a perceber que não existiam problemas que impedissem a conquista de objetivos de aprendizagem no contexto das aulas de EF.

4. Realização da Prática Profissional

No que concerne ao desenvolvimento do meu trabalho, foram tidas em consideração três áreas, já mencionadas anteriormente, sendo elas:

- Área 1: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”;
- Área 2: “Participação na Escola e Relações com a Comunidade”;
- Área 3: “Desenvolvimento Profissional”.

Cada uma destas áreas assumiu um papel de grande importância na minha formação enquanto docente. Ao longo da realização do EP fui moldando a minha prática profissional no modo como encaro e observo a escola, os professores, os alunos e a interação entre estes.

4.1. Área 1: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”

Segundo Batista e Queirós (2013), “a área 1 engloba as tarefas de conceção, planeamento, realização e avaliação, referenciando que o EE tem que conduzir um processo de ensino/aprendizagem promotor da formação e educação do aluno no âmbito da EF”.

4.1.1. Conceção

Para uma melhor conceção do processo de ensino-aprendizagem foi necessário um planeamento antecipado, uma realização precisa e uma avaliação justa e coerente e para isso, foi necessária uma análise detalhada dos documentos fornecidos pela faculdade sobre o EP, uma revisão dos Programas de EF (2º e 3º Ciclo do Ensino Básico) e o Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas da Senhora da Hora.

Tornou-se igualmente necessário caracterizar a realidade escolar em causa, nas suas dimensões desportivas, social e cultural, pois cada escola possui uma realidade própria e está inserida num contexto peculiar. Desta forma,

foi desenvolvido em núcleo de estágio, um documento denominado “Caracterização da Escola”. É de salientar que a escola revela enorme interesse pela prática da atividade física, pois são realizadas inúmeras atividades ao longo do ano, tais como: o corta-mato escolar, atividades internas onde são realizados torneios interturmas de uma modalidade diferente em cada período, cicloturismo, entre outras.

Todavia, ainda foi necessário mais informação, principalmente ao nível das turmas. Para adquirir esta informação, foi criado em núcleo de estágio, um questionário individual que os alunos preencheram no primeiro dia de aulas. O preenchimento deste documento revelou-se essencial, uma vez que não podemos planear sem conhecer os alunos. Desta forma, foi também desenvolvido um documento denominado “Caraterização da Turma”.

4.1.2. Planeamento

“A planificação é o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respetivas disciplinas, e a sua realização prática. É uma atividade prospetiva, diretamente situada e empenhada na realização do ensino, que se consuma na sequência: elaboração do plano; realização do plano; controlo do plano; e confirmação ou alteração do plano, etc”.

Bento (1987)

Segundo Bento (1987), a lógica da realização progressiva do ensino, da sua perspetiva sistemática e da continuidade do carácter processual, aponta para a necessidade de existirem diferentes momentos e níveis de planeamento e preparação do ensino pelo professor: o planeamento anual, o plano das unidades temáticas e os planos de aula. No que concerne aos diferentes níveis de planeamento, independente do nível é fundamental adequá-lo à realidade dos alunos para que este se constitua como um instrumento de trabalho útil e um guião adequado para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

O planeamento é uma das tarefas mais exigentes do EP. É a fase em que se toma as decisões, se analisa as situações e que se seleciona as estratégias e meios para que o processo de ensino-aprendizagem seja o melhor e o mais adaptado possível a cada ano de escolaridade e a cada turma.

4.1.2.1. Planeamento Anual

Segundo Bento (1987), “a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como as reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo”.

O planeamento anual representa então um esquema lógico da forma como se pretende sequenciar as matérias de ensino. Numa primeira fase procurei conhecer o plano das modalidades para todos os anos de escolaridade (5º até ao 9º ano) já estipulado pelo grupo de EF. As modalidades pertencentes ao 6º ano da Escola foram: Voleibol, Ginástica, Atletismo, Basquetebol e Futsal.

A Ginástica foi dividida em dois períodos, no 1º Período os alunos tiveram Ginástica no Solo e no 2º Período tiveram Ginástica de Aparelhos. O Atletismo foi também dividido mas, nos três períodos, no 1º Período foi Corrida de Resistência, no 2º Período foi Corrida de Velocidade e no 3º Período foi o Salto em Altura e a Corrida de Barreiras.

Numa segunda fase detalhei a distribuição das aulas, considerando o *roulement* dos espaços. Quanto à distribuição dos espaços referentes às aulas de EF, a turma teve a seguinte sequência de espaços: ginásio2-exterior-ginásio1. Nas aulas de quarenta e cinco minutos, o espaço ocupado era o ginásio2 e nas aulas de noventa minutos, os espaços ocupados eram, nos primeiros quarenta e cinco minutos no espaço exterior e nos segundos quarenta e cinco minutos no ginásio1. Tendo em conta esta sequência apropriei e distribuí os conteúdos de forma lógica.

O quadro seguinte representa um exemplo do planeamento referente ao 1º Período:

Quadro 5. Exemplo de um Plano Anual

Período	Mês	Semana	Dia	Aulas	Conteúdo	Local
1º	Setembro	1ª	16	1	Apresentação	Ginásio 1
			19	-	Atletismo	Exterior
			23	2	Voleibol	Ginásio 1
		2ª	26	3	Ginástica	Ginásio 2
				4	Atletismo	Exterior
			30	5	Voleibol	Ginásio 1
	Outubro	1ª	3	6	Ginástica	Ginásio 2
				7	Atletismo	Exterior
		2ª	8	Voleibol	Ginásio 1	
			10	9	Ginástica	Ginásio 2
			14	10	Atletismo	Exterior
		3ª	11	Voleibol	Ginásio 1	
			12	Ginástica	Ginásio 2	
			17	Atletismo	Exterior	
		4ª	13	Voleibol	Ginásio 1	
			21	14	Ginástica	Ginásio 2
			24	15	Atletismo	Exterior
		5ª	28	16	Voleibol	Ginásio 1
				17	Ginástica	Ginásio 2
			31	18	Atletismo	Exterior
	19			Voleibol	Ginásio 1	
	Novembro		1ª	4	20	Ginástica
		7		21	Atletismo	Exterior
				22	Voleibol	Ginásio 1
		2ª	11	23	Ginástica	Ginásio 2
			14	24	Atletismo	Exterior
				25	Voleibol	Ginásio 1
		3ª	18	26	Ginástica	Ginásio 2
			21	27	Atletismo	Exterior
				28	Voleibol	Ginásio 1
		4ª	25	29	Ginástica	Ginásio 2
			28	30	Atletismo	Exterior
				31	Voleibol	Ginásio 1
	Dezembro	1ª	2	32	Ginástica	Ginásio 2
			5	33	Atletismo	Exterior
				34	Voleibol	Ginásio 1
		2ª	9	35	Ginástica	Ginásio 2
			12	36	Atletismo	Exterior
		3ª		37	Voleibol	Ginásio 1
			16	38	Ginástica	Ginásio 2

No exemplo do quadro 5, pode-se verificar que foram dadas, no 1º Período, treze aulas de Voleibol, treze aulas de Ginástica e treze aulas de Atletismo e foram devidamente distribuídas pelos espaços, tendo em conta o *roulement*.

Em suma, um plano anual segundo Bento (1987) “é um plano exequível, didaticamente exato e rigoroso, que orienta para o essencial, com base nas indicações programáticas e em análises da situação na turma e na escola”.

4.1.2.2. Unidades Didáticas

Bento (1987) refere que “as unidades temáticas ou didáticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.” Uma unidade didática (UD) tem então como objetivo realçar a importância de um

processo de ensino-aprendizagem assente nos princípios da sistematização em contexto didático.

A construção das UD teve como base a estrutura do conhecimento, as condições de aprendizagem e o nível dos alunos. E serviram, acima de tudo, para realizar o processo de planificação dos planos de aula, de forma mais eficaz e orientada.

A organização metodológica dos conteúdos foi realizada da base para o topo, ou seja, do simples para o complexo. Sou apologista de que os alunos devem perceber primeiramente os diferentes elementos técnicos que fazem parte de uma modalidade possibilitando posteriormente a sua visão mais global. Contudo, visto que a turma tinha variados e constantes comportamentos inapropriados foram implementadas várias estratégias e uma delas foi a leção de uma aula com uma organização do topo para a base. Foi interessante verificar que os alunos apresentaram índices maiores de motivação no início da aula o que os levou ao desgaste físico e proporcionou, aquando da passagem do jogo formal para exercícios técnicos, mais concentração e empenhamento.

“Os alunos, da passagem do torneio interturmas para a aula mais técnica, revelaram estar um pouco mais cansados porém um pouco mais focados no trabalho de técnica individual. Não seria uma má opção por vezes optar por começar a aula com jogo e a seguir passar para uma componente mais técnica.”
(Reflexão 5 do 3º Período / Aula de Futsal)

Por outro lado, por só ter implementado esta estratégia no 3º Período não influenciou de forma notória no controlo da turma por esta já se encontrar mais disciplinada.

O quadro seguinte representa um exemplo de uma UD realizada durante o EP.

Quadro 6. Exemplo de uma Unidade Didática

DATA			19set	26set	3out	10out	17out	24out	31out	7nov	14nov	21nov	28nov	5dez	
Sessão/Conteúdos			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Habilidades Motoras	Técnica	Posição Média	Não foi dada aula		I/E	E	E	E	E	E	E	E	E/C		
		Passe			I/E	E	E	E	E	E	E	E	E/C		
		Serviço por baixo							I/E	E	E	E/C			
		Deslocamentos					I/E	E	E	E	E	E	E/C		
	Táticas	Abrir Espaço					I/E	E	E	E	E	E	E	E/C	
		Noção de oposição							I/E	E	E	E	E	E/C	
		Prosseguir							I/E	E	E	E	E	E/C	
	Formas de jogo	1x1			I/E	E	E	E	E	E	E	E/C			
		2x2			AD									I/E	E/C
	Regulamento do Jogo			Desenvolvidas ao longo das aulas											
Capacidades Coordenativas															
Capacidades Condicionais															
Empenho															
Disciplina															
Cooperação															
Espírito de Equipa															

Legenda: AD – Avaliação Diagnóstica; I – Introdução; E – Exercitação; C – Consolidação; AS – Avaliação Sumativa.

Numa UD é necessário identificar as categorias transdisciplinares, sendo elas: as habilidades motoras, cultura desportiva (tudo que esteja ligado ao regulamento e história de uma determinada modalidade), condição física e fisiológica (relacionado com as capacidades coordenativas e condicionais), e por fim, os conceitos psicossociais (valores desportivos que se devem incutir nos alunos).

Realizei durante todo o EP, dezoito UD, nove para a minha turma do 6º ano e nove para a turma do 8º ano. No processo do planeamento das UD recorri aos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de estudo, principalmente adquiridos nas Didáticas Específicas do 1º ano de Mestrado.

A concretização destas UD não foram fáceis no início do EP, principalmente no 1º Período. A escolha dos conteúdos a lecionar em cada UD era dependente sobretudo da Avaliação Diagnóstica dos alunos, mas o mais complicado penso que foi na distribuição dos conteúdos pelo número de aulas. Tive a preocupação de distribuir os conteúdos conforme o nível de cada uma das turmas e conforme um processo ensino-aprendizagem mais adequado e eficaz. A dificuldade sentida no 1º Período derivou sobretudo dos constantes reajustes feitos às UD, o que já não veio acontecer nos Períodos seguintes, sentindo-me mais segura e prudente na realização das UD.

De salientar que algumas UD tiveram que ser alteradas devido às condições climáticas. As condições climáticas influenciam o ensino da EF, nomeadamente ao nível do planeamento e da realização, pois tal como refere Bento (1987) “nenhuma outra disciplina é tão dependente do clima e do tempo como a EF”.

4.1.2.3. Plano de Aula

O ato de planear está presente em quase todas as nossas ações porque orienta a realização das atividades. O plano de aula é de extrema importância para que se atinja o êxito no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Bento (1987), “estas aulas exigem uma boa preparação. Devem estimular os alunos, no seu desenvolvimento. Devem ser também horas felizes para o professor, proporcionando-lhe sempre alegria e satisfação renovadas na sua profissão”.

Considero que um plano de aula requer as seguintes funções: pesquisar, ser criativo e dinâmico na seleção das atividades, estabelecer prioridades e limites, criar tarefas tendo em conta as características e necessidades dos alunos e ser flexível para eventuais reajustes ou adaptações.

Os quadros seguintes apresentam a estrutura do plano de aula definido em reunião de núcleo de estágio juntamente com a PC logo no início do EP.

Quadro 7. Cabeçalho do Plano de Aula

Professora Estagiária:	Ano / Turma:	Data:
Professora Cooperante:	Nº de Alunos:	Hora:
Professora Orientadora:	Espaço:	Duração:
Local:	Aula nº:	Sessão:
Unidade Didática:	Material:	
Função Didática:		
Objetivo da Aula:		

Quadro 8. Estrutura do Plano de Aula

Partes da Aula		Objetivos do Exercício	Situação de Aprendizagem	Organização Didático - Metodológica	Componentes Críticas
Inicial					
Fundamental					
Final					

Segundo Bento (1987), “existem numerosas propostas de esquema da aula, cada uma delas caracterizada por uma variedade de constelações possíveis, mas sem que nenhuma possa afirmar a pretensão de validade universal”.

Este tipo de estrutura teve em conta dois fatores: simples e de fácil leitura. Na minha opinião, o plano de aula é apenas uma orientação para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e não deve ser seguido de forma rígida. Isto porque, se seguirmos os planos de forma intransigente, considero que a intervenção do professor poderá não ser a mais adequada. No início a preocupação em cumprir o plano de aula era tanta que me esquecia de outros pontos fulcrais, tais como, o controlo da turma.

Na maior parte das aulas, o plano foi cumprido. Em algumas situações foi necessário adaptar, sempre na tentativa de não comprometer os objetivos da aula.

“Decidi alterar o planeamento e propus aos alunos corrida de velocidade de 40m nas pistas na qual realizariam a pares”. (Reflexão 10 do 2º Período / Aula de Corrida de Velocidade)

No planeamento das aulas tive sempre a preocupação de selecionar exercícios adequados ao nível da turma, mas que fossem simultaneamente lúdicos, para que os alunos conseguissem atingir com mais facilidade as tarefas propostas.

A realização e a aplicação dos planos de aula permitiu uma análise mais detalhada de cada aula e proceder a eventuais alterações para as aulas seguintes.

“Após refletir sobre a ordem dos exercícios penso que o exercício da Bola ao Meio podia ter sido realizado logo no início da aula por constituir um exercício coletivo de turma em que é abordado pequenas situações de jogos reduzidos. A situação de jogo de 2x1 seria realizado a seguir por ser um exercício mais técnico e específico onde a turma é dividida em pequenos grupos”. (Reflexão 13 do 2º Período / Aula de Basquetebol)

Os conteúdos de todas as UD foram aprendidos pelos alunos como eu pretendia, mesmo quando achei que as aulas não eram suficientes para existir uma evolução nos alunos, essa evolução existiu. Apesar da indisciplina existente na turma, os alunos eram muito empenhados e tinham um nível motor bastante bom, e isso permitiu que o meu trabalho com eles fosse satisfatório. Um professor quer sempre mais dos seus alunos, e quer sobretudo fazer um bom trabalho, e penso que isso se tornou possível pelo esforço feito ao longo de todo o EP e pelo empenhamento dos alunos.

“Apesar do número reduzido de aulas de Corrida de Barreiras, os alunos demonstraram ter tido uma grande evolução.” (Reflexão 6 do 3º Período / Aula de Corrida de Barreiras)

Relativamente à lecionação dos conteúdos, pensei que aulas de Ginástica iriam ser as mais complicadas, sobretudo ao nível da escolha da forma de organização de aula mais adequada (vagas, estações ou circuitos). Porém, após a aplicação das diferentes organizações de aula, percebi rapidamente qual a forma de organização que mais se adequava à turma. Desta forma, a lecionação das aulas foi realizada sem dificuldades, sentindo-me já bastante à vontade. Nos

outros conteúdos que lecionei ao longo do EP, não tive grandes dificuldades pois sentia-me bem com os conteúdos que abordei.

“...a estrutura de aula por estações não resultou bem, pois os alunos conversavam muito uns com os outros. Na próxima aula irei estruturar a aula por vagas, de modo a verificar se os alunos se encontram em mais tempo de empenhamento motor evitando assim comportamentos de desvio...” (Reflexão 5 do 1º Período / Ginástica no Solo)

Em suma, as aulas eram planeadas no sentido de procurar atingir objetivos nos vários domínios, sem contudo deixar de proporcionar aos alunos momentos de prazer e satisfação, de forma a motivá-los para a prática da EF.

4.1.3. Realização

“O docente eficaz é aquele que encontra meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o objetivo, durante uma percentagem elevada de tempo, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas negativas ou punitivas.” (Siedentop, 1998).

Um dos maiores desafios de um docente é a sua intervenção pedagógica. Ser professor vai para além do planeamento, um professor deve ter a capacidade de ensinar os conhecimentos adequados a cada modalidade, de dar os *feedbacks* mais acertados, gerir bem uma aula, manter a disciplina, entre outras. Foram sugeridos por Siedentop (1998) quatro dimensões da intervenção pedagógica: a instrução, a gestão, o clima e a disciplina.

“As quatro dimensões da intervenção pedagógica estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer episódio de ensino” (Siedentop, 1998). Como refere o autor, para que em cada uma das dimensões da intervenção pedagógica o professor obtenha o sucesso desejado é necessário o sucesso das demais dimensões.

4.1.3.1. Instrução

A instrução tem um papel importantíssimo na condução do ensino durante a aula, e segundo Carvalho (2011) pode assumir características e especial pertinência em determinados momentos da aula, fazendo parte as preleções, as demonstrações, o questionamento e o *feedback*.

Rosado e Mesquita (2009) advogam que “a capacidade de comunicar constitui um dos fatores determinantes da eficácia pedagógica no contexto de ensino das atividades físicas e desportivas. Esta envolve a transmissão de elementos informativos mas, também, um efeito persuasivo, abrangendo processamento consciente e inconsciente.” Assim, não só a informação é importante, mas também a estratégia que se usa para a transmitir aos alunos.

Rink (1993) realça a importância da instrução, considerando que a eficácia da EF resulta da capacidade do professor comunicar com o aluno, sendo que quando os alunos não realizam corretamente a habilidade motora, a tarefa não apropriada ou então a apresentação da mesma da parte do professor não foi eficaz.

No que diz respeito à exposição de um conteúdo cujo propósito era meramente didático, ou seja as preleções, era realizada predominantemente no início de cada aula, onde apresentava à turma os objetivos e conteúdos da aula, relacionando-os com as aulas anteriores. As preleções foram também utilizadas na explicação da organização e disposição espacial da aula. Para que produzissem efeito, procurei utilizar sempre uma linguagem que veiculasse a terminologia específica de cada modalidade, mas que fosse facilmente assimilada pelos alunos.

Segundo Tonello e Pellegrini (1998) “a demonstração facilita a instrução, pois dizer simplesmente “faça isso” e em seguida demonstrar, minimiza instruções complexas. Assim, o motivo principal do emprego da demonstração é a transmissão de informações acerca da meta a ser atingida na ação. A demonstração mostra particularidades úteis para a aprendizagem de uma habilidade, reduzindo dessa forma a incerteza sobre como deve ser realizada”.

As demonstrações têm então como objetivo obter uma melhor percepção da realização do gesto técnico pretendido de acordo com as suas componentes críticas. Nas demonstrações das minhas aulas foram utilizados alunos e só em raras exceções eu mesma realizei as demonstrações.

“Quanto à instrução, mais especificamente quanto à explicação das tarefas a realizar, foi utilizado somente um aluno na demonstração dos exercícios e a explicação foi concretizada de uma forma mais rápida e com êxito”. (Reflexão 6 do 2º Período / Aula de Ginástica de Aparelhos)

O questionamento é outra das técnicas utilizadas pelos professores para envolverem os alunos na aula, estimulando as suas capacidades de reflexão e verificarem a assimilação dos conteúdos transmitidos. Realizava o questionamento sempre que iniciava um novo conteúdo, de modo a verificar o grau de interesse dos alunos, o conhecimento que tinham acerca daquele assunto e também a sua atenção nas aulas.

Metzler (2000) refere uma frase que caracteriza em seu entender o questionamento, “ask, don’t tell”. Parece ser, realmente, uma expressão adequada, pois este método promove a aprendizagem, uma vez que exige pensamento, atenção e reflexão. O questionamento poderá ser uma forma de o professor garantir que o aluno pondera sobre uma determinada questão.

“...na aula anterior expliquei aos alunos os princípios básicos do Futsal, e antes de introduzir o exercício de situação de 1x1 perguntei aos alunos quais eram os princípios desta situação de jogo. Obtive as respostas corretas e permitiu-me constatar que os alunos gostam de ser questionados e sentem-se realizados quando respondem acertadamente ao que lhes é questionado.” (Reflexão 3 do 3º Período / Aula de Futsal)

Segundo Rink (1993), entende-se por apresentação das tarefas, a informação transmitida pelo professor aos alunos acerca do que fazer e como fazer durante a prática motora. De acordo com o mesmo autor (1993), no contexto da instrução a apresentação das tarefas é um aspeto fundamental, sendo que o professor deve ser capaz de selecionar informação significativa,

organizar essa informação e transmiti-la ao aluno, garantindo desde logo um ensino de qualidade.

Ao longo do EP, não senti grandes dificuldades na apresentação das tarefas, pois os alunos realizavam as tarefas conforme pedia. A única dificuldade que tive foi na colocação da voz, que é muito importante na transmissão de informação. Foi uma dificuldade que fui tentando superar de aula para aula, e que apesar de algumas melhorias julgo ter que melhorar ainda mais.

O *feedback* diz respeito a uma reação do professor relativamente à prestação do aluno. Para Costa (1995), o *feedback* é um conjunto de intervenções verbais e não-verbais emitidas pelo professor reagindo à prestação motora dos alunos com o objetivo de avaliar, descrever e/ou corrigir.

De acordo com Mesquita e Graça (2009), “o *feedback* cumpre, simultaneamente, duas funções: uma de informação, outra de reforço. Proporciona ao aluno informações relativas à execução e ao resultado do movimento. São estas as informações que vão constituir o referencial fundamental quer para a avaliação da execução do movimento face ao programa preestabelecido quer para eventuais correções”.

A transmissão dos *feedbacks* foi mais fácil em modalidades que me sentia mais à vontade e durante a lecionação das aulas apercebi-me que a quantidade e qualidade do *feedback* é maior, quanto maior for o meu conhecimento acerca das matérias, pois mais facilmente se consegue detetar o erro e a sua respetiva correção.

Rosado e Mesquita (2009) referem que “a qualidade de uma correção depende, em primeiro lugar, da competência de diagnósticos dos professores ou treinadores”.

O *feedback* é uma das razões para a existência de um professor qualificado. E é no contexto de aula que o professor põe em prática todos os seus conhecimentos, pois observa a execução das habilidades e corrige. É através disso que o professor molda o comportamento motor dos alunos.

Foi através da observação permanente nas aulas, e através dos meus conhecimentos, que fui evoluindo na transmissão dos *feedbacks*, pois tal como

Rosado e Mesquita (2009) citam “essa competência exige o conhecimento dos modelos de execução em que se concretiza, de tal modo que se possam determinar os erros de execução”. É importante que os alunos conheçam os critérios de êxito das habilidades para poderem corrigir e perceber o que estão a fazer.

4.1.3.2. Gestão

Para Siedentop (1983), a dimensão gestão é um comportamento do professor que traduz elevados índices de envolvimento do aluno nas suas atividades da aula e a redução de comportamentos dos alunos que possam interferir no trabalho do professor ou de outros alunos e um uso do tempo de aula de forma eficaz.

De acordo com Rink (1993) a gestão é “a promoção de um ambiente de aula e a sua manutenção, através do desenvolvimento de um comportamento apropriado e de uma envolvimento do aluno no conteúdo lecionado”. Salienta ainda, que “um dos primeiros passos para atingir uma boa organização nas turmas é estabelecer rotinas e regras continuamente enfatizadas à responsabilidade dos alunos”.

Em cada aula procurei despende o menor tempo possível na sua organização, gerindo adequadamente todas as situações que foram ocorrendo, tendo como ponto de referência a maximização do tempo de empenhamento motor dos alunos. O tempo de empenhamento motor é segundo Rosado e Mesquita (2009), “todo o tempo que os alunos passam efetivamente em atividade motora”.

Segundo Costa (1995), é muito importante o professor gerir a formação de grupos, a transição e circulação dos alunos nas situações de aprendizagem, a distribuição e arrumação dos equipamentos, os momentos de interrupção e início de atividade dos alunos, pouco dispêndio do tempo de aula e recorrendo prioritariamente a estratégias eficazes de gestão

Para obter uma boa gestão da aula, procurei implementar rotinas, nomeadamente, no transporte e montagem do material, na formação de grupos, entre outros aspetos importantes para o desenrolar da aula. Estas rotinas foram

surgindo ao longo do tempo à medida que me ia apercebendo dos problemas que surgiam na gestão do tempo de aula e que posteriormente, através de reflexões, os tentava solucionar.

Implementei ainda, estratégias para que a turma fosse rápida nas transições entre as diferentes tarefas e sempre que foi possível, mantive a mesma organização durante toda a aula.

“Na próxima aula, irei introduzir mais colchões de forma a diluir mais os alunos para que não estejam tanto tempo em espera, reduzir probabilidades de comportamentos desviantes e permitir mais tempo de empenhamento motor”.

(Reflexão 8 do 1º Período / Aula de Ginástica no Solo)

4.1.3.3. Clima / Disciplina

Acredito que seja uma dimensão fundamental e a mais problemática quando a inexperiência de um EE se evidencia. É necessário intervir sistemática e eficazmente na ação dos alunos, corrigindo, estimulando e controlando o seu comportamento. Siedentop (1998) refere que “um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”.

Para Rink (1993), “a disciplina é a ação do professor quando, apesar dos seus esforços, os alunos não cooperam e se comportam de forma apropriada”. A autora encara a disciplina como um ato de resposta ao comportamento. Salienta, também, a importância de ser preventivo face a este tipo de comportamento “indisciplinado”. Para isso destaca seis diretrizes para a prevenção de problemas disciplinares: estabelecer um sistema de gestão eficaz; ter uma atitude positiva com todos os alunos; compartilhar as expectativas de forma clara e com antecedência; envolver os alunos na formulação de regras e procedimentos; ter um programa desafiante e apropriado; demonstrar entusiasmo em relação ao que se está a ensinar. O professor deve estar sempre consciente do que o rodeia, independentemente do que está a fazer e deve ser capaz de desempenhar várias tarefas ao mesmo tempo.

As interações entre o professor e o aluno são uma constante numa aula, logo o professor deve ter uma boa relação interpessoal com os alunos. O aluno

deve sentir-se bem na aula que por sua vez ficará mais motivado. Isto deve ser encarado como um meio facilitador para que o processo de ensino-aprendizagem decorra da melhor forma.

Ao longo das aulas procurei criar um ambiente favorável à aprendizagem dos alunos, motivando-os e desafiando-os a superarem-se a si próprios. Procurei na lecionação das aulas ser entusiasta, exigente, positivista e exigindo sempre que os comportamentos da turma fossem baseados em valores e padrões éticos.

No que diz respeito ao controlo da turma foi um verdadeiro desafio. Procurei sempre através do reforço positivo, chamar a atenção dos alunos que se encontravam constantemente em comportamentos de desvio. À medida que fui progredindo e experimentando diferentes estratégias, pude verificar aquelas que tinham surtido mais efeito. O diálogo com alguns alunos em particular ajudou a perceber o porquê de alguns comportamentos inapropriados e auxiliou a solucioná-los. Cada aluno tinha a sua personalidade, os seus problemas e por vezes tive de agir de forma adaptada a cada um mantendo-me justa e coerente em relação ao resto da turma.

“...de forma a evitar comportamentos de desvio na arrumação do material optei por reuni-los no final da aula, e em grupos de dois ou três alunos iam arrumando o material enquanto os restantes permaneciam sentados e em silêncio. Esta estratégia desencadeou um efeito positivo no controlo da turma”
(Reflexão 6 do 1º Período / Aula de Ginástica no Solo)

Em relação às modalidades, foi mais exaustivo o controlo dos alunos nas modalidades individuais, sobretudo na Ginástica, pois como espaço de aula era mais reduzido tornava o barulho mais perceptível o que acarretava a constantes chamadas de atenção aos alunos.

A promoção de um clima de disciplina é importante para um meio favorável ao processo de ensino-aprendizagem.

4.1.4. Avaliação

O processo de avaliação deve ser sistemático, contínuo e integral. (Carrasco, 1989). Durante todo o meu processo realizei diversos tipos de avaliação.

A Avaliação Inicial, designada também por Avaliação Diagnóstica, foi utilizada no começo de cada UD, com o propósito de determinar o nível inicial em que se encontravam os alunos, permitindo-me orientar o processo de ensino e de aprendizagem e definindo os objetivos a seguir. Maccario (1982) enuncia que esta avaliação permite ao professor tomar decisões de “ajustamento”, como resultado de comportamentos exibidos pelos alunos, ou seja, permite ao professor decidir sobre o que será primordial destacar na UD, de forma a promover aprendizagens contextualizadas. Esta forma de compreender o estado inicial dos alunos ajudou-me de forma decisiva a traçar o percurso sabendo onde iniciar a aprendizagem de uma determinada modalidade e até onde os alunos poderiam ir.

O primeiro contato com a avaliação inicial dos alunos foi difícil devido ao número elevado de alunos (vinte e cinco), à falta de conhecimento dos nomes de todos os alunos, devido ao tempo reduzido de aula (trinta e cinco minutos úteis) e por fim, devido ao grande número de conteúdos em grande parte presentes nos desportos coletivos. Apesar destas dificuldades iniciais foram facilmente ultrapassadas através da prática.

Outra forma de avaliação realizada foi a Avaliação Formativa, que foi feita a partir de um processo contínuo, e, portanto, realizou-se durante todo o processo de ensino-aprendizagem, propriamente dito. Este processo permitiu identificar os aspetos ao nível das habilidades motoras e ao nível dos domínios cognitivo e sócioafetivo. Permitiu também recolher informação acerca das melhorias ou dificuldades que os alunos estariam a ter em cada modalidade possibilitando realizar os reajustes necessários na planificação das aulas. Rink (1993) refere que a avaliação formativa é a avaliação que tenta aceder ao progresso em direção a um objetivo.

“Os alunos têm vindo a melhorar de aula para a aula e mediante as suas dificuldades tento arranjar estratégias para que possam melhorar na aula seguinte. Nesta aula identifiquei uma dificuldade comum a todos no salto encarpado no minitrampolim. Os alunos não conseguem subir os membros inferiores e afasta-los ao mesmo tempo. Posto isto, irei insistir no exercício dos saltos de membros inferiores afastados promovendo uma melhoria na flexibilidade dos membros inferiores.” (Reflexão 7 do 2º Período / Aula de Ginástica de Aparelhos)

O último tipo de avaliação realizada foi a Avaliação Final, designada também como Avaliação Sumativa. Esta avaliação tem como objetivo a determinação dos resultados obtidos no final da aprendizagem e consequentemente determinar a eficácia do processo ensino-aprendizagem. Rink (1993) acrescenta, dizendo que a avaliação sumativa mede o grau de objetivos que foram alcançados, e é realizada na conclusão de uma aula ou unidade de ensino.

Em relação à Avaliação Sumativa, para Arends (1995, p.229), “as avaliações sumativas traduzem-se em esforços para utilizar a informação sobre os alunos ou programas após um conjunto de atividades de instrução ter ocorrido. O objetivo deste tipo de avaliação é sumariar o desempenho de um determinado aluno, grupo de alunos ou professor, num conjunto de metas ou objetivos de aprendizagem. A informação obtida através das avaliações sumativas será aquela que os professores utilizam para determinar as classificações e as informações enviadas aos alunos e seus pais.”

O ato de avaliar foi um método eficaz de controlar e verificar se o processo de ensino-aprendizagem estava a ser bem conduzido e no sentido final de em cada período atribuir uma classificação ao desempenho de cada aluno.

As grelhas de avaliação foram idênticas, tanto na Avaliação Diagnóstica como na Avaliação Sumativa, e apesar de não ter sentido muitas dificuldades na sua elaboração, penso que as modalidades coletivas são mais complexas que as modalidades individuais nas suas componentes de avaliação.

Para além, das grelhas de avaliação utilizadas onde englobavam os critérios de avaliação de cada modalidade, das reflexões realizadas no final de cada aula, também foi utilizada uma grelha de comportamento (conforme figura 3) que era exposta no final de cada semana de lecionação de aulas para advertir os alunos e, sobretudo, para me ajudar na avaliação sumativa de cada aluno sendo um item de extrema importância. Esta grelha foi dividida em três partes correspondentes ao 1º, 2º e 3º Período. E era ordenada pelos números dos alunos na horizontal e pelas datas de cada aula na vertical. Cada quadrado era preenchido por uma cor, onde a cor azul representava um bom comportamento, a cor amarela um comportamento razoável e a cor vermelha um mau comportamento.



Figura 3. Grelha de Comportamento dos Alunos

4.2. Área 2: “Participação na Escola e Relações com a Comunidade”

Segundo Batista e Queirós (2013), “a área 2, de Participação na Escola e Relações com a Comunidade, engloba atividades não letivas, assumindo como objetivo a integração do EE na comunidade educativa e na comunidade envolvente. Materializa-se no conhecimento da escola e do contexto do envolvimento, tendo como objetivo que o EE seja capaz de envolver-se na atividades que ultrapassem o âmbito da lecionação da turma que acompanha, tornando-se uma pessoa promotora de sinergias entre a escola e o meio, possibilitando oportunidades educativas dotadas de significado para os alunos. Para além disso, esta área de desempenho apela a uma intervenção responsável do EE, em cooperação com os restantes membros da comunidade educativa”.

4.2.1. Aulas de Demonstração

4.2.1.1. Andebol

No dia 07 de outubro de 2014, a equipa sénior do Boavista deslocou-se à escola para realizar uma aula de demonstração (conforme figura 4 e 5) com o intuito de promover o clube e a modalidade de Andebol.

Esta demonstração foi realizada por dois treinadores. Esta atividade foi realizada nas aulas de EF a uma turma do 6º ano e a outra turma do 5º ano.

Considero estas iniciativas bastante positivas na medida em que os alunos têm a oportunidade de conhecer novas modalidades de diferentes clubes e quem sabe descobrirem que é algo que gostariam de praticar fora da escola. Isto parece ser um bom incentivo à prática desportiva regular.



Figura 4. Apresentação dos Treinadores do Boavista



Figura 5. Aula de Demonstração de Andebol

4.2.1.2. Dança

No dia 04 de novembro de 2014, uma professora de dança (antiga aluna da PC), deslocou-se à escola a fim de realizar uma aula (conforme figura 6 e 7) de Contemporânea e Kizomba com o intuito de promover a Escola de Dança onde trabalha e a modalidade referente à Dança. Esta Escola de Dança proporciona estilos de dança como a Dança de Salão, Danças Latino-Americanas, Kizomba, Dança do Ventre, *Contemporary Fusion*, Zumba e aulas de Pilates.

Esta atividade foi desenvolvida nas aulas de EF a três turmas do 8º ano e uma do 7º ano, todas elas pertencentes ao nosso núcleo de estágio. Apesar de alguma timidez manifestada pelos alunos, na sua maioria, do género masculino, todos os alunos participaram de forma ativa e empenhada.

Também participei ativamente em todas as turmas onde foi realizada a demonstração. Mais uma vez ressalvo a importância deste tipo de atividades

propagando a descoberta de novas modalidades e por ventura a promoção da atividade física fora do contexto escolar.



Figura 6. Aula de Demonstração de Dança



Figura 7. Inclusão de três alunos com NEE

4.2.2. Corta-Mato

4.2.2.1. Escolar

No dia 16 de dezembro de 2014, foi realizada na Escola um evento na qual denominamos de Corta-Mato Escolar. Este tipo de eventos desportivos para além de nos permitir o contacto com alunos de vários anos de escolaridade permite sobretudo aos alunos o convívio e a socialização. Para além, de que promove a saúde e o bem-estar físico incentivando os alunos à prática desportiva dentro e fora da escola.

A cada um de nós, EE, foi atribuída uma função na concretização deste evento tendo ficado então responsável pela ativação geral dos alunos juntamente com outro professor. A ativação geral era realizada antes de cada

prova mediante o escalão etário e dentro do pavilhão. Ou seja, quando terminava a ativação geral de um grupo pertencente a um escalão etário entrava logo de seguido outro grupo de um escalão etário superior e assim sucessivamente. Este fator não me permitiu vivenciar todas as provas.

Foram alunos do 5º ao 12º ano das várias escolas do Agrupamento da Senhora da Hora. Pude assistir a uma parte da prova e pude testemunhar a corrida onde um aluno da nossa turma partilhada (7º ano) venceu. O evento decorreu no horário estipulado tendo sido um êxito. O fantástico grupo de professores de EF pertencentes à organização transmitiu ao longo de todo evento boa disposição e um bom convívio.

Os meus colegas de estágio ficaram em funções também elas diferenciadas, sendo que um ficou na linha de partida e a outra ficou na linha de chegada. Seguem-se algumas figuras (8, 9 e 10) ilustrativas do evento.



Figura 8. Ativação Geral dos Alunos no Corta-Mato Escolar



Figura 9. Local de Partida do Corta-Mato Escolar



Figura 10. Prémios do Corta-Mato Escolar

4.2.2.2. Distrital

O Corta-Mato Distrital realizou-se no dia 23 de fevereiro de 2015, uma atividade que se realiza há mais de duas décadas.

Esta prova destinou-se aos alunos apurados anteriormente nos seus estabelecimentos de ensino pertencentes aos concelhos de Gondomar, Maia, Matosinhos, Póvoa do Varzim, Stº. Tirso, Trofa, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia, perfazendo um total de cento e onze escolas/agrupamento, trezentos e dez professores e mais de quatro mil e quinhentos alunos.

Os alunos foram organizados de acordo com o seu escalão etário e género, divididos por oito partidas diferenciadas, onde variava a distância e o percurso. Os alunos com NEE também participaram no Corta-Mato e realizaram os mesmos percursos consoante o seu escalão etário e género.

Foi com enorme orgulho que participei neste evento, onde os alunos puderam disfrutar de uma oportunidade de prática única, imbuídos de espírito desportivo e acima de tudo, de grande confraternização entre todos, sejam alunos, professores, encarregados de educação ou amigos.

Todos os professores estiveram focados nas suas diferentes tarefas, tendo sido entregue a nós, núcleo de estágio, a responsabilidade das deslocações dos alunos para o local de partida e regresso no final da prova.

Como estava previsto, houve alguma preocupação com o facto de estar a chover com alguma intensidade, mas tal não demoveu os corajosos participantes e organizadores de levarem a cabo a sua missão com determinação.

Após a realização do Corta-Mato, penso e considero que a atividade saldou-se como sendo bastante positiva. Na organização tudo decorreu bem sem haver quaisquer problemas que pusessem em causa o normal decorrer da atividade. Um dos aspetos que me causou surpresa e admiração foi o facto de existir tanta afluência por parte dos alunos a este tipo de atividade. O que me dá um incentivo ainda maior para continuar a acreditar na prosperidade desta profissão. Outro ponto a salientar é o ambiente de alegria e boa disposição criado em torno desta atividade.

Em conclusão o Corta-Mato Distrital (conforme figura 11) mobilizou toda a comunidade escolar, uma atividade que congregou muitos objetivos pilares deste Agrupamento, entre outros, salienta-se a motivação para a prática regular de atividade física, a promoção de hábitos de vida saudáveis, a criação de laços de companheirismo e de amizade e o estreitar de relações com a comunidade.



Figura 11. Corta-Mato Distrital

4.2.3. Mega Sprint

Realizou-se no dia 14 de março de 2015 pela manhã, o evento Mega Sprint organizado pela Federação Portuguesa de Atletismo e pela Direção Geral da Educação/Desporto Escolar, evento esse que conta com mais de uma década de existência.

Esta prova destinou-se aos alunos que após apuramento na fase turma/escola/agrupamento, obtiveram resultados para serem apurados, de acordo com o seu género e escalão etário.

O Mega Sprint desenvolve-se tendo como referência a velocidade, uma qualidade física fundamental no desenvolvimento motor da criança/jovem, transversal à prática de quase todas as atividades físicas. Consta na realização de provas, o Mega Sprint que é a corrida de velocidade de quarenta metros, o Mega KM que é uma prova de mil metros e por fim, o Mega Salto que é a prova de salto em comprimento. Este leque de atividades visa abranger toda a população estudantil do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, em cinco escalões etários, masculinos e femininos. Dos dez aos dezoito anos. Motivar e sensibilizar os alunos para a prática do Atletismo são os grandes objetivos do evento Mega Sprint.

A Escola foi representada por um total de onze participantes inscritos por escalões nas seguintes provas:

Quadro 9. Participantes inscritos da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora

Provas	Mega Sprint		Mega KM		Mega Salto	
Escalão	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Infantil A (2004/2006)		1	1	1		
Infantil B (2002/2006)	2	2				
Iniciados (2000/2001)	1	1				1
Juvenis (1998/1999)	1					

A adesão a este evento mais uma vez superou as minhas expectativas quanto ao número elevado de participantes. Apesar de não ter estado presente o evento todo, considero que a atividade foi fantástica. A minha função neste evento baseou-se no acompanhamento aos alunos.

O Mega Sprint revelou-se como uma atividade bastante positiva onde a excelente participação e grande esforço dos alunos se traduziu na conquista de três medalhas (conforme quadro 10) para a Escola.

Quadro 10. Vencedores do evento Mega Sprint da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora

Mega Salto	1º Classificado (Iniciados-Feminino)
Mega Sprint	2º Classificado (Infantil B-Masculino)
Mega Sprint	2º Classificado (Juvenil-Masculino)

4.2.4. Clube de Dança

Embora esta escola não usufruísse do “Desporto Escolar”, possuía a chamada “Atividade Interna”. Estas atividades são de participação voluntária porém, um momento ótimo de aferição das aprendizagens, sendo naturalmente consideradas na avaliação dos alunos, especialmente na atribuição dos níveis mais elevados.

A pedido de muitas alunas, foi incluída na Atividade Interna da escola o “Clube de Dança”. Esta atividade foi sem dúvida um dos momentos mais compensadores do meu EP a nível pessoal e profissional. Tal como mencionei precedentemente, uma das modalidades que mais gosto é a Dança e ter oportunidade de a poder ensinar foi mais um sonho concretizado.

Posto isto, foi estabelecido em reunião com a PC o dia e a hora que decorria esta atividade, tendo ficado decidido todas as Quintas-Feiras à mesma hora que a Atividade Interna. Como estas atividades eram de participação voluntária foi necessária a realização de uma autorização (anexo 3) para os pais.

Tive um total de quinze alunas inscritas ao longo do ano letivo e lecionei vários tipos de dança, tais como: Kizomba, Contemporânea, Hip Hop, Samba, Zumba, Funk, Jazz, entre outros.

Em suma, este clube dinamizou ainda mais a Atividade Interna da escola e espero que seja um clube que se mantenha nos próximos anos, pois as alunas gostaram muito da experiência sendo que algumas revelaram ter talento e outras o gosto de querer aprender mais.

4.2.5. Batismo de Mergulho e *Snorkling*

Em reunião de núcleo, o meu colega estagiário propôs a realização de uma Visita de Estudo à piscina da Senhora da Hora com o objetivo de proporcionar aos alunos mais velhos uma experiência única designada “Batismo de Mergulho” e aos alunos mais novos jogos aquáticos praticando ao mesmo tempo *Snorkling*. O meu colega de estágio é professor de mergulho numa escola

de mergulho e quis com estas atividades transmitir aos alunos os seus conhecimentos nesta área.

Como qualquer visita de estudo foi indispensável a realização de uma autorização para os pais. Também foram expostos cartazes elucidativos (anexos 4 e 5) à atividade e no final os alunos e os professores que participaram adquiriram um diploma de participação (anexos 6 e 7).

Para além da presença do núcleo de estágio, contou-se ainda com a presença da PC, de uma professora acompanhante e de um instrutor da escola de mergulho.

O Batismo de Mergulho (conforme figura 12) ocorreu nos dias 21 e 23 de abril de 2015 com a participação de duas turmas do 8º ano em cada dia. Para além de ter sido uma experiência nova para os alunos também foi para mim. Participei ativamente nesta atividade realizando o Batismo de Mergulho com os alunos.

O dia do *Snorkling* (conforme figura 13) ocorreu no dia 14 de maio de 2015 com a participação de uma turma do 7º ano e outra do 5º ano. Nesta atividade a minha função foi vigiar todos os alunos que se encontravam dentro de água.

O Batismo de Mergulho possibilita a descoberta do maravilhoso mundo das aventuras subaquáticas. Apesar de ter sido realizado numa piscina, trouxe a todos os alunos a curiosidade de viver esta atividade única no mar, onde se pode observar o maravilhoso mundo subaquático. E era isto que pretendíamos com esta experiência.

O *Snorkling* é uma prática desportiva de mergulho que tem como objetivo a recreação, o relaxamento e o lazer. A resposta dos alunos a esta atividade foi também positiva, onde disfrutaram de um momento divertido e lúdico.

Foram três dias vividos com grande entusiasmo e satisfação. Os alunos gostaram bastante da experiência.



Figura 12. Batismo de Mergulho



Figura 13. Jogos Aquáticos e *Snorkling*

4.2.6. Gerês

No dia 4 de junho de 2014 foi realizada uma caminhada no Gerês (conforme figura 14) com duas turmas do 6º ano e na qual fiz parte do grupo de professores acompanhantes.

O Gerês é conhecido pelas suas magníficas paisagens e pela natureza que o rodeia. À chegada à Vila do Gerês, os alunos foram informados que o trilho que iríamos percorrer seria o trilho dos Currais (conforme figura 15).

O trilho dos Currais é um percurso com mais ou menos dez quilómetros que percorre a encosta sobranceira das Caldas do Gerês. A sua principal dificuldade foi a subida inicial, de cerca de quinhentos metros, nos quatro quilómetros iniciais. Esta subida trouxe bastante dificuldade a uma aluna que acabou por desistir tendo que descer de novo acompanhada pela minha PC. Foi uma situação constrangedora e mostrou-nos que temos de estar sempre prontos a intervir neste tipo de situações.

Atingida a zona alta do trilho, foi possível disfrutar o Miradouro da Pedra Bela e almoçar. A partir daí descemos abruptamente até às Caldas do Gerês. Contrastando com o que tínhamos percorrido até então, o trilho tinha perdido um pouco o encanto seguindo por alguns estradões de terra, algo sujos e nem sempre lógicos.

Apesar de alguns problemas como, a desistência da aluna na subida do trilho e algumas quedas por parte de alguns alunos sem lesões graves foi sem dúvida um dia repleto de boa disposição e convívio.



Figura 14. Caminhada no Gerês

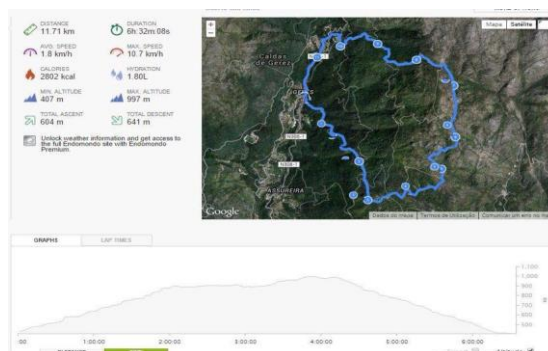


Figura 15. Percurso do Trilho dos Currais

4.2.7. Cicloturismo

No dia 5 de junho de 2015 foi realizada a 4ª Edição do Cicloturismo (conforme figura 16) do Agrupamento de Escolas da Senhora da Hora. Foi um enorme evento que contou com mais de cem pessoas inscritas, incluindo alunos, pais e professores.

Foi um percurso de quase quarenta quilómetros (conforme figura 17), com paragens obrigatórias em Angeiras e no Parque da Cidade do Porto.

Este evento contou ainda com a presença de um carro e três motos da polícia de modo assegurar o trânsito e a segurança de todos, um carro de bombeiros, dois carros de apoio às bicicletas e alguns carros da organização que nas duas paragens obrigatórias nos forneceram a alimentação.

Foi a atividade que mais gostei pelo convívio, pela superação, pela alegria, pelo entusiasmo que todos os intervenientes demonstraram ao longo de todo o itinerário.



Figura 16. Cicloturismo

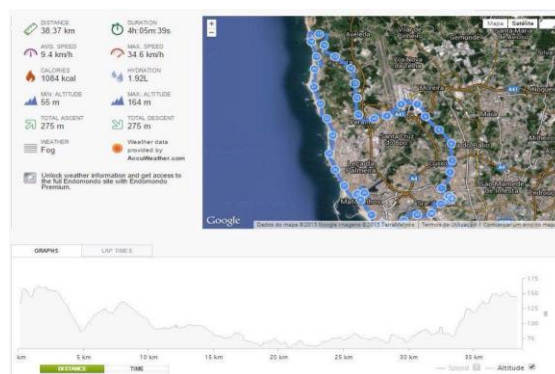


Figura 17. Percurso do Cicloturismo

4.2.8. Reuniões

Vivenciei ao longo de todo o ano letivo três tipos de reuniões que foram primordiais na minha integração na comunidade escolar, as de Conselho de Turma, as de Grupo/Departamento e as reuniões do núcleo de estágio.

As reuniões de Conselho de Turma aconteceram apenas três vezes ao longo de todo o ano letivo, no fim de cada período, sendo estas utilizadas para se debater informações relevantes sobre todos os alunos da turma e, também, discutir e atribuir notas. Estas informações foram necessárias para a minha evolução relativamente ao controlo da turma, pois ajudou-me a conhecer ainda mais os alunos fora do contexto das aulas de EF. E fez-me perceber algumas atitudes por parte de alguns alunos nas aulas de EF. O importante não é só implementar estratégias de forma a resolver problemas disciplinares, mas também conhecer a quem são destinadas essas estratégias.

“...os professores fizeram uma análise da turma, quanto à assiduidade que consideram boa, quanto ao comportamento que consideram irregular e inconstante e quanto ao aproveitamento que é considerado pouco satisfatório atendendo ao elevado número de níveis inferiores a três.” (Reflexão 1 do Conselho de Turma)

Ao longo do ano, foram realizadas várias reuniões de Grupo/Departamento, que pretendiam organizar e debater diversos assuntos.

“...seguinte ordem de trabalho: informações, ponto de situação das planificações, análise das fichas de autoavaliação, corta-mato escolar, plano anual de atividades 2014 / 2015, torneios desportivos Inter- Escolas do Concelho de Matosinhos, outros assuntos.” (Reflexão 2 de Grupo/Departamento)

Relativamente às reuniões de núcleo de estágio foram realizadas todas as terças-feiras, desde o início do ano letivo. Estas reuniões tinham como objetivo reunir com a PC de modo a orientar as tarefas que executávamos, assim como, refletir sobre as aulas e o nosso desempenho. Estas reuniões mostraram-se, desde início, um apoio imprescindível, pautando o nosso trabalho e esclarecendo possíveis dúvidas que iam surgindo.

4.3. Área 3: “Desenvolvimento Profissional”

Esta área é destinada ao meu desenvolvimento pessoal, como EE. Reflete, portanto, as minhas vivências e as minhas experiências no seio da escola e a forma como as minhas interpretações e reflexões serviram para o meu crescimento como profissional neste âmbito. As trocas com o meio e com os atores que o compõem foram fundamentais para ultrapassar dificuldades e para delinear estratégias de resolução.

O Portfólio Digital (PD) e o Projeto de Formação Individual (PFI) foram constructos importantes para o desenvolvimento do Relatório de Estágio (RE) e contribuíram para refletir sobre a prática e construir a minha identidade profissional. A isto acrescento o desenvolvimento do Projeto de Investigação-Ação (Estudo), como um elemento imprescindível para me confrontar com as dificuldades inerentes à prática.

O quadro 11 ilustra as tarefas realizadas no sentido do desenvolvimento profissional do EE. Aqui, foram apostados objetivos, potenciais dificuldades, recursos e estratégias.

Quadro 11. Desenvolvimento Profissional

	Objetivos	Dificuldades	Recursos	Estratégias
PD	Desenvolver conhecimentos que me habilitem a estruturar os conteúdos do meu aprendizado de uma forma sequencial e perceptível; Registar detalhadamente as minhas vivências no contexto escolar, que deverão ter uma contribuição nevrálgica para o meu desenvolvimento como docente.	Na construção do portfólio no que diz respeito à facilidade no seu acesso e estruturação dos temas.	Internet	Atualização constante das atividades desenvolvidas na escola.
PFI	Orientar a formação e o desenvolvimento pessoal;	Definir um tema para o estudo;	Literatura;	Identificar os principais

	Identificar as minhas dificuldades.	Ser concisa.	Slides da sessão sobre o PFI; Revisões Bibliográficas.	tópicos de cada área de desempenho.
Estudo	Explorar um tema de investigação com interesse e pertinente para os propósitos do estágio.	Definir o tema.	Aplicação de questionários; Sistema de Observação; Revisões Bibliográficas.	Aplicação de questionários; Pesquisa bibliográfica.
RE	Documentar todo o processo de desenvolvimento como estudante-estagiária, através da integração do trabalho realizado e da reflexão das vivências durante esse tempo.	Selecionar os conteúdos a integrar no relatório de estágio.	PFI; Portfólio Digital; Revisões Bibliográficas.	Organização prévia das temáticas principais.

5. A Indisciplina nas Aulas de Educação Física

5.1. Resumo

Este estudo intitula-se “A Indisciplina nas aulas de Educação Física” e pretende compreender o fenómeno da indisciplina escolar, tendo em conta as perceções dos alunos de uma turma de 6º ano da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora, bem como os comportamentos de indisciplina observados nas aulas de Educação Física. Procura-se perceber como os alunos caracterizam o ambiente do contexto de aula em termos disciplinares, e também que influência tem o conteúdo (Basquetebol versus Ginástica) na adoção de comportamentos inapropriados na aula de Educação Física. Com os resultados obtidos neste estudo pretende-se ainda contribuir para a promoção do bem-estar e minimizar os sentimentos de insatisfação. Para tal, o presente estudo foca-se numa perspetiva descritiva, sendo a recolha de dados realizada através da observação de comportamentos inadequados no decorrer da aula e do preenchimento de um questionário intitulado de “Indisciplina nas aulas de Educação Física” adaptado de Lopes (2012). Os participantes pertencem a uma amostra intencional, constituída por vinte e quatro alunos, quinze do sexo masculino e nove do sexo feminino. No tratamento e análise de dados utilizou-se o programa *Statiscal/Package for the Social Sciences* (SPSS) para a análise realizada. Relativamente à percepção que os alunos têm do seu comportamento pode concluir-se que têm consciência do comportamento que adotam, mas também têm noção que será necessário modificar o seu comportamento no âmbito das atitudes. O conteúdo das aulas (Basquetebol versus Ginástica) teve influência nos comportamentos inapropriados dos alunos. A preferência por uma das modalidades poderá ter sido um dos motivos de influência na atuação dos alunos nas aulas de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: INDISCIPLINA ESCOLAR, ALUNOS, EDUCAÇÃO FÍSICA.

5.2. Abstract

This study is entitled "The indiscipline in Physical Education" and aims to understand the phenomenon of school discipline, taking into account the perceptions of students in a 6th year's class of the Escola EB 2,3 da Senhora da Hora, as well as insubordination behaviors observed in physical education classes. We try to understand how students characterize the class context of the environment in disciplinary terms, and also what influence has the content (Basketball versus Gymnastics) in the adoption of inappropriate behaviors in physical education class. With the results obtained in this study is intended to further contribute to the promotion of the welfare and minimize feelings of discontent. To this end, this study focuses on a descriptive perspective, being the data collection performed by observing inappropriate behavior during class and completing a questionnaire titled "Indisciplina nas aulas de Educação Física" adapted from Lopes (2012). Participants belong to an intentional sample consisting of twenty-four students, fifteen male and nine female. In data processing and analysis we used the Statiscal Package for the Social Sciences (SPSS). Regarding the perception that students have of their behavior we can conclude that they are aware of the behavior they adopt but also they are aware that they need to modify their behavior in the context of attitudes. The content of the classes (Basketball versus Gymnastics) had influence on inappropriate behavior of students. The preference for one of the modalities may have been one of the reasons influencing the performance of students in physical education classes.

KEYWORDS: SCHOOL INDISCIPLINE, STUDENTS, PHYSICAL EDUCATION.

5.3. Introdução

O tema deste estudo surgiu na minha prática profissional enquanto EE. Para além do confronto com a realidade escolar, um EE vai tendo ao longo do EP vários desafios tais como: saber gerir uma aula, criar um ambiente de aula agradável e motivador, e sobretudo obter um controlo disciplinar da turma.

No que diz respeito ao controlo disciplinar, Domigues (1995) refere o nível orgânico e o nível situacional. No primeiro, estão compreendidas as transgressões mais graves, que requerem um tratamento mais profundo. No segundo, o controlo é realizado pelos professores de uma forma isolada e sem enquadramento institucional. Para este autor, o controlo disciplinar visa efetivar três fins distintos: precaver o aparecimento de indisciplina; solucionar situações reais ambíguas para o professor; e proporcionar condições que conservem os seus efeitos para além da ação indisciplinada. O controlo da turma é indispensável e indissociável da ação do professor.

Quando existe a necessidade de controlar uma turma é porque se apresentam comportamentos de indisciplina. Segundo Amado (2001) um dos motivos que pode influenciar a indisciplina é o “acréscimo de dificuldade, por parte dos professores, em particular dos mais jovens e inexperientes, em lidar com os problemas de comportamento em sala de aula, de tal forma que a questão é considerada, por vezes, como um dos seus problemas centrais”.

Desde o início do EP que me deparei com esta problemática constatando assim comportamentos inadequados por parte dos alunos.

A disciplina, de acordo com Siedentop (1983), “pode ser objeto de uma abordagem positiva ou negativa. As regras de conduta são, geralmente, definidas de uma forma negativa, indicando o que não se deve fazer em vez do que se deve fazer. Numa abordagem positiva, considera-se que uma turma disciplinada é uma turma em que os comportamentos são consistentes com as competências dessa situação específica. Nesta situação, disciplina refere-se a um conjunto de comportamentos definidos por determinadas regras. Uma abordagem negativista define a indisciplina como ausência de comportamentos apropriados, valorizando os aspetos positivos como forma de correção desses,

comportamentos. Neste contexto, disciplina assume a manutenção de uma atmosfera rígida, baseada em castigos e punições.

A indisciplina é um dos maiores problemas que a escola, os docentes e as famílias enfrentam na atualidade e por todo o país. O número de casos conhecidos atinge proporções preocupantes.

Na mesma linha de investigação sobre indisciplina é interessante realçar a questão que Veiga (2001) nos apresenta sobre “qual o maior fator da indisciplina escolar?”. O autor sugere que, para uns, é a evidente ausência de valores no seio da família, da escola e da própria sociedade enquanto, para outros, estes problemas centram-se na falta de um projeto de vida dos alunos e indiciam um prenúncio de rutura. Outros salientam a influência dos órgãos de Comunicação Social, o clima de concorrência ou competitividade no espaço escolar e o próprio professor, como potenciais fatores promotores de indisciplina.

Atribuindo ao aluno, em primeiro lugar, a origem do ato de indisciplina, o autor refere que é a quem erra que se deve exigir responsabilidade, adiantando que quem não for capaz de reconhecer que errou, nunca estará preparado para se corrigir. (Veiga, 2001)

Foi a partir daqui que surgiu a necessidade de identificar e caraterizar os comportamentos dos alunos nas aulas de EF, sendo este um dos principais objetivos do estudo.

De acordo com Carvalho (1998, p.219) “comportamento desviante é qualquer tipo de comportamento que envolve uma transgressão ou violação de normas e expetativas sociais por um grupo de indivíduos ou pela comunidade”.

A EF apresenta caraterísticas diferenciadas de outras matérias escolares, nomeadamente, pelo tipo de conteúdos e de recursos físicos (ginásios, pavilhões e espaços exteriores). Os professores debatem-se com inúmeras situações de indisciplina visto se tratar de um ambiente mais aberto e menos organizado (White e Bailey, 1990).

Ainda dentro da EF a dualidade de género, masculino e feminino, não pode ser ignorada. Este estudo pretende ainda caraterizar os comportamentos

de indisciplina em função do género, bem como de modalidade com características distintas como a Ginástica e o Basquetebol.

Um estudo desenvolvido por Tavares (2004) conclui que são nas modalidades de Andebol, Futebol e Basquetebol onde ocorrem mais comportamentos de indisciplina. O referido estudo permitiu também concluir que os rapazes são mais indisciplinados em situações de jogo, e nos desportos individuais pelo facto de não demonstrarem tanto interesse por essas atividades. As raparigas, por sua vez, apresentaram mais comportamentos indisciplinados ao nível dos desportos coletivos.

O estudo está organizado em quatro capítulos fundamentais: Pertinência do Estudo; Objetivos; Metodologia do Estudo; Apresentação e Discussão de Resultados e a Conclusão.

5.4. Pertinência do estudo

Este estudo surgiu de uma problemática vivenciada durante o EP e diz respeito à indisciplina dos alunos nas aulas de EF.

Esta problemática foi norteadada com uma questão de âmbito geral: “Como contribuir para transformar um contexto que suscita queixas e sentimentos de insatisfação num contexto de bem-estar?”.

Esta questão deu origem a algumas subquestões, tais como, “Como é que os alunos caracterizam o seu comportamento disciplinas nas aulas de EF?” e “Que mudanças se podem introduzir para o aumento do bem-estar da turma?”.

Desta forma, este estudo pretende compreender o fenómeno da indisciplina escolar na aula de EF, tendo em conta as perspetivas dos alunos e os comportamentos de indisciplina observados de uma turma de 6º ano da Escola EB 2,3 da Senhora em aulas de EF.

Esta investigação foi criada tendo em conta esta turma-alvo, por se terem registado comportamentos inapropriados quer nas aulas de EF como em contexto de sala de aula, tendo esta turma um historial deste género de comportamentos bastante vasto.

5.5. Objetivos

Este estudo tem como principal objetivo identificar e caraterizar os comportamentos inapropriados dos alunos nas aulas de EF, sendo este o seu objetivo geral.

Desta forma constituem-se como objetivos específicos:

- Identificar e caraterizar as perspetivas que os alunos têm acerca do seu comportamento nas aulas de EF distinguindo rapazes e raparigas;
- Identificar e caraterizar os comportamentos inapropriados dos alunos numa modalidade coletiva (Basquetebol) e numa modalidade individual (Ginástica), distinguindo igualmente rapazes e raparigas;
- Identificar que alterações fariam os alunos na aula de EF em diferentes dimensões (espaço de aula, professor e alunos) para promover sessões com menor incidência de comportamentos inadequados.

5.6. Metodologia

Segundo Bowling cit. por Ribeiro (2007), o enquadramento metodológico é importante, uma vez que é necessário entender-se os processos, as técnicas, as práticas utilizadas para recolher e processar os dados.

5.6.1. Amostra

Para este estudo foi selecionada uma amostra intencional, pois tal como refere Almeida e Freire (2000), “há uma escolha prévia dos sujeitos, porque representam particularmente bem determinado fenómeno, opinião ou comportamento”.

Os participantes foram os alunos de uma turma do 6º ano da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora. A amostra foi constituída por 24 alunos, sendo 15 do sexo masculino e 9 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos de idade, com uma média de 10,8 e desvio padrão $\pm 0,58$.

5.6.2. Instrumentos e Procedimentos de Recolha e Análise de Dados

5.6.2.1. Questionário

No sentido de identificar e caraterizar a perceção dos alunos relativamente ao seu comportamento nas aulas de EF, todos os alunos da amostra preencheram um questionário (anexo 8 e 9) intitulado “Indisciplina dos alunos nas aulas de EF” e adaptado de Lopes (2012).

Este questionário foi distribuído e preenchido no final de uma aula de EF, onde cada aluno o realizou individualmente.

Os procedimentos adotados para a recolha de dados incluíram o consentimento informado de todos os Encarregados de Educação, em relação à participação dos filhos, nomeadamente para o preenchimento do questionário. Em todo o estudo não são referidos nomes, pois tal como refere Bogdan & Biklen (2006) devemos “proteger a identidade dos sujeitos, garantir e preservar a sua privacidade e manter a confidencialidade dos dados”.

Para Ghilgione e Matalon (2001), embora não existam regras precisas de construção de um questionário é necessário ter em conta algumas considerações no que se refere, mais especificamente “à formulação de questões, que devem ser claras, de modo a serem compreendidas por todos de igual forma; curtas; limitadas a um só problema; diretas, sem serem feitas pela negativa; simples, para evitar as perguntas duplas”.

Neste estudo, em particular, foi utilizado um método misto, relativamente à forma e conteúdo, que envolveu uma questão aberta (o sujeito responde como quer) e questões fechadas (o sujeito responde consoante uma lista de respostas possíveis) e o seu conteúdo assentou em fatos ou opiniões.

Para Carmo e Ferreira (1998), as perguntas não devem ser ambíguas, deve-se utilizar maioritariamente respostas fechadas, evitar indiscrições gratuitas, construir perguntas de controlo, abranger toda a problemática que se

está a investigar e adequar o número de questões, de modo a que não seja reduzido nem excessivo.

A informação, proveniente do questionário sofreu, através do programa de estatística SPSS, uma análise do cálculo das frequências, de modo a verificar que comportamentos os alunos assinalaram com maior frequência.

5.6.2.2. Observação

Segundo Weick (1968) cit. por Fortin (1999), “a observação consiste em selecionar, provocar, registar e codificar o conjunto dos comportamentos e dos ambientes que se aplicam aos organismos in situ e que estão ligados aos objetivos da observação no terreno”.

Para a observação direta e sistemática dos comportamentos de indisciplina nas aulas foram selecionados seis alunos aleatoriamente, dos quais três raparigas e três rapazes.

A grelha de observação (anexo 7) utilizada foi adaptada de Lopes (2012). A grelha está organizada em sete categorias e as suas respetivas subcategorias.

As categorias inseridas na grelha de observação foram no âmbito das *Distrações e Entretenimento*, *Deslocações e Movimentos*, *Convenções Sociais*, *Barulho*, *Trabalho*, *Relação Aluno-Aluno* e *Relação Aluno-Professor*. Cada uma das categorias tinha entre duas a oito subcategorias para uma melhor caracterização do comportamento dos alunos.

A categoria *Distrações e Entretenimento* tem como subcategorias, *brinca sozinho*, *brinca com os outros colegas*, *ri a despropósito*, *faz rir os colegas* e *fala com os colegas de forma descontextualizada*.

A categoria *Deslocações e Movimentos* tem como subcategorias, *desloca-se no espaço de aula sem permissão*, *está fora do seu sítio*, *sai da aula sem permissão* e *lança material móvel de EF pelo ar*.

A categoria *Convenções Sociais* tem como subcategorias, *falta à aula*, *chega atrasado à aula*, *espreguiça-se na aula*, *boceja na aula*, *dorme na aula*,

danifica o material do espaço de aula, suja o material ou espaço de aula e diz palavrões.

A categoria *Barulho* tem como subcategorias, *grita, canta, assobia, fala sem autorização do professor e faz ruídos com objetos/corpo.*

A categoria *Trabalho* tem como subcategorias, *não traz material necessário à aula e não colabora nas tarefas propostas pelo professor.*

A categoria *Relação Aluno-Aluno* tem como subcategorias, *insulta, ameaça, agride fisicamente, empurra, atira objetos propositadamente a um colega e não ajuda os colegas.*

E por fim, a categoria *Relação Aluno-Professor* tem como subcategorias, *repete tudo que o professor diz, interrompe com perguntas/comentários inapropriadas, recusa-se a obedecer às instruções, ameaça o professor, insulta o professor, goza com o professor, desafia/protesta/contrapõe as ordens do professor e rejeita ideias do professor.*

Enquanto a professora da turma lecionava a aula, a PC preenchia a grelha de comportamentos, registrando dentro de cada categoria, os comportamentos indisciplinados sempre que ocorressem.

Visto ser pertinente para o estudo, que a leção das aulas de EF fosse realizada pela professora da turma, foi determinado que a PC concretizava a observação direta. Deste modo, a observação não influenciaria a atuação dos alunos, uma vez que a PC se encontrava sempre presente nas aulas desde o início do ano letivo, conhecendo perfeitamente todos os alunos.

O registo dos comportamentos dos alunos na grelha de observação foi realizado em três aulas de Ginástica e em três aulas referentes à UD de Basquetebol. As aulas tiveram a duração de 45 minutos em que apenas foram utilizados aproximadamente 35 minutos úteis de aula. A observação foi realizada sensivelmente a meio de cada UD para que as aulas observadas tivessem maioritariamente a função didática de exercitação.

A informação, proveniente das observações de tipo sistemático sofreu, através do programa de estatística SPSS, uma análise do cálculo das

frequências e respectivas percentagens, de modo a verificar, que tipo de comportamentos inadequados se verificavam na aula de EF com maior frequência.

5.7. Apresentação e Discussão de Resultados

De forma a podermos dar resposta aos objetivos pretendidos com este estudo, será realizada a apresentação e discussão dos resultados obtidos.

O quadro 12 que se segue identifica e caracteriza a perceção que os alunos têm acerca do seu comportamento nas aulas de EF distinguindo raparigas e rapazes.

Quadro 12. Perceção dos Alunos face ao seu comportamento nas aulas de EF

	Porta-se bem		Porta-se bem às vezes		Porta-se mal		Total	
Sexo	N	%	N	%	N	%	N	%
Masculino	5	33	10	67	0	0	15	100
Feminino	0	0	9	100	0	0	9	100
Total	5	21	19	79	0	0	24	100

De acordo com o quadro 12, podemos verificar que a caracterização dos alunos, face aos seus comportamentos de indisciplina, é a de que tendencialmente se *portam bem às vezes* (N=19), embora se verifique que há mais rapazes (N=10) que caracterizam o seu comportamento desta forma do que raparigas (N=9). Há que mencionar que todas as raparigas (9) da turma responderam que se *portavam mal às vezes*. Curiosamente, não há nenhum rapaz ou rapariga que diga que se *porta mal*.

O quadro 13 que se segue identifica e caracteriza a perceção que os alunos têm do seu comportamento nas aulas de EF, nas diferentes categorias de comportamento, distinguindo rapazes e raparigas.

Quadro 13. Percepção dos Alunos face ao seu comportamento, dentro das categorias de comportamento, nas aulas de EF

	Feminino	Masculino	Total	
Categorias de Comportamento	Freq	Freq	Freq	%
Distrações e Entretenimento	13	22	35	38
Deslocações e Movimentos	1	6	7	8
Convenções Sociais	9	6	15	16
Barulho	6	9	15	16
Trabalho	0	5	5	5
Relação Aluno-Aluno	2	5	7	8
Relação Aluno-Professor	3	5	8	9
Total	34(37%)	58(63%)	92	100

Genericamente, quando questionados sobre o seu comportamento disciplinar nas várias categorias de comportamento, “Dentro destas categorias que comportamentos costumam ter nas Aulas de Educação Física?” (anexo 8), todos os alunos referem tê-los. Contrariamente àquilo que responderam quando lhes foi perguntado se tinham comportamentos de indisciplina na aula de EF (quadro 12) e onde apenas 79% dos alunos referiu que se *portavam bem às vezes*.

No que diz respeito a todas as categorias de comportamento (quadro 13), podemos observar que 63% dos comportamentos de indisciplina dos participantes pertencem ao sexo masculino, enquanto 37% pertencem ao sexo feminino, demonstrando uma maior incidência de indisciplina no sexo masculino.

També Oliveira (2003) salienta num estudo realizado sobre comportamentos de indisciplina nas aulas de EF em dois contextos diferenciados que “os rapazes se apresentam com uma maior regularidade de comportamentos tidos como indisciplinados, quase duplicando os revelados pelas raparigas”.

A categoria com mais comportamentos de indisciplina (38%), segundo a percepção dos alunos, é a categoria *Distrações e Entretenimento*, o que significa que estes alunos admitem retirar-se mais vezes da tarefa, mas sem perturbar a aula.

O quadro 14 que se segue identifica e caracteriza os comportamentos observados dos alunos nas aulas de EF, nomeadamente nas seis aulas de observação, nas diferentes categorias de comportamento, distinguindo rapazes e raparigas.

Quadro 14. Comportamentos observados dos Alunos, nas diferentes categorias, nas aulas de EF

Categorias de Comportamento	Feminino	Masculino	Total	
	Freq	Freq	Freq	%
Distrações e Entretenimento	14	29	43	46
Deslocações e Movimentos	7	5	12	13
Convenções Sociais	5	1	6	6
Barulho	9	12	21	22
Trabalho	4	3	7	8
Relação Aluno-Aluno	2	2	4	4
Relação Aluno-Professor	0	1	1	1
Total	41(44%)	53(56%)	94	100

No quadro 14 podemos verificar que a categoria *Distrações e Entretenimento* é a que adquire maior frequência de comportamentos de indisciplina observados nos alunos pertencentes à amostra em todas as aulas de EF observadas (46%) demonstrando também uma maior incidência de indisciplina em todas as categorias de comportamento no sexo masculino (56%) confirmando a perceção dos alunos (quadro 13).

Note-se que 22% dos comportamentos de indisciplina dos alunos observados encontram-se na categoria *Barulho*, o que comprova de igual forma, a perceção dos alunos face à caracterização dos seus comportamentos disciplinares nas categorias de comportamento (quadro 13). O mesmo não acontece com a categoria *Convenções Sociais*, que demonstra não ter tido grande incidência nas aulas observadas.

O quadro 15 que se segue identifica e caracteriza os comportamentos observados dos alunos, nas três aulas de Basquetebol e nas três aulas de Ginástica.

Quadro 15. Comportamentos observados nas três aulas de Basquetebol e nas três aulas de Ginástica

Categorias de Comportamento	Basquetebol		Ginástica	
	Freq	%	Freq	%
Distrações e Entretenimento	18	36	25	54
Deslocações e Movimentos	12	24	0	0
Convenções Sociais	2	4	4	10
Barulho	9	18	12	29
Trabalho	7	14	0	0
Relação Aluno-Aluno	2	4	2	5
Relação Aluno-Professor	0	0	1	2
Total	50	100	41	100

No que diz respeito aos comportamentos apresentados no quadro 15 nas diferentes categorias em análise podemos verificar que as categorias *Distrações e Entretenimento* (54%) e *Barulho* (29%) são mais incidentes na modalidade de Ginástica. Por outro lado as categorias *Distrações e Entretenimento* (36%) e *Deslocações e Movimentos* (24%) são as categorias de comportamento de indisciplina mais observadas na modalidade de Basquetebol.

O quadro 16 diz respeito às preferências dos alunos face à modalidade de Basquetebol e à modalidade de Ginástica.

Quadro 16. Preferências dos Alunos face às duas modalidades: Basquetebol e Ginástica

Modalidade	Gosto muito		Gosto		Não gosto		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Basquetebol	16	67	8	33	0	0	24	100
Ginástica	13	54	9	38	2	8	24	100

De acordo com o quadro 16 podemos verificar que os alunos preferem a modalidade de Basquetebol (67%). Isto pode ser o motivo de se ter verificado na tabela anterior (quadro 15) a grande incidência de comportamentos indisciplinados dentro das categorias *Distrações e Entretenimento* e *Barulho* na modalidade de Ginástica. É de referir que esta afirmação anterior advém também do facto de nenhum aluno ter referido que não gostava de Basquetebol enquanto que dois alunos dizem não gostar de Ginástica.

O quadro 17 que se segue identifica e caracteriza as subcategorias mais manifestadas pelos alunos, dentro das duas categorias de comportamentos mais observadas anteriormente no quadro 15, nas três aulas de Ginástica. Na análise dos resultados obtidos deste quadro também foi realizada uma distinção de raparigas e rapazes.

Quadro 17. As subcategorias observadas, dentro das categorias *Distrações e Entretenimento* e *Barulho*, nas três aulas de Ginástica.

		Ginástica			
		Feminino		Masculino	
Categorias de Comportamento	Distrações e Entretenimento	Freq	%	Freq	%
	Brinca Sozinho	0	0	0	0
	Brinca com outros colegas	2	24	6	35
	Ri a despropósito	3	38	2	12
	Faz rir os colegas	0	0	5	29
	Fala com os colegas de forma descontextualizada	3	38	4	24
	Total	8	100	17	100
	Barulho	Freq	%	Freq	%
	Grita	0	0	2	29
	Canta	0	0	0	0
	Assobia/Apita	1	20	0	0
	Fala sem autorização do professor	4	80	4	57
	Faz ruídos com objetos / corpo	0	0	1	14
	Total	5	100	7	100

No quadro 17, os comportamentos inapropriados mais observados, dentro da categoria *Distrações e Entretenimento*, nas aulas de Ginástica, foram *ri a despropósito* (38%) e *fala de forma descontextualizada* (38%) no sexo feminino. E no masculino, os comportamentos mais evidenciados foi *brinca com outros colegas* (35%) e *faz rir os colegas* (29%).

Estes comportamentos, dentro das subcategorias, eram realmente os mais observados pela professora da turma nas aulas de Ginástica porque os alunos, para além de trabalharem por vagas, realizavam as ajudas aos colegas nos exercícios.

Na turma, como existiam mais rapazes que raparigas, na organização das filas existia sempre uma fila com mais rapazes, o que dava ênfase a mais conversa entre eles, podendo ser esta a causa de um dos comportamentos mais observados nos rapazes *brinca com outros colegas*.

Na categoria *Barulho*, o comportamento mais observado nas aulas de Ginástica, e em ambos os sexos, foi *fala sem autorização do professor*.

A causa para este comportamento, *fala sem autorização do professor*, ter sido o mais manifestado pelos alunos, de ambos os sexos, é porque de facto, quando a professora da turma explicava os exercícios a realizar na aula, os alunos colocavam questões sem pedir permissão.

O quadro 18 que se segue identifica e caracteriza as subcategorias mais manifestadas pelos alunos, dentro das duas categorias de comportamentos mais observadas anteriormente no quadro 17, nas três aulas de Basquetebol. Na análise dos resultados obtidos deste quadro também foi realizada uma distinção de raparigas e rapazes.

Quadro 18. As subcategorias observadas, dentro das categorias *Distrações e Entretenimento* e *Deslocações e Movimentos*, nas três aulas de Basquetebol

		Basquetebol			
		Feminino		Masculino	
		Freq	%	Freq	%
Categorias de Comportamento	Distrações e Entretenimento				
	Brinca Sozinho	0	0	4	33
	Brinca com outros colegas	3	50	1	8
	Ri a despropósito	2	33	2	17
	Faz rir os colegas	1	17	3	25
	Fala com os colegas de forma descontextualizada	0	0	2	17
	Total	6	100	12	100
	Deslocações e Movimentos				
	Desloca-se no espaço de aula, sem permissão	4	57	2	40
	Está fora do seu sítio	3	43	2	40
	Sai da aula, sem permissão	0	0	1	20
	Lança material móvel de Educação Física pelo ar	0	0	0	0
	Total	7	100	5	100

No quadro 18, os comportamentos inapropriados mais observados, no feminino, dentro da categoria *Distrações e Entretenimento*, nas aulas de Basquetebol foram *brinca com outros colegas* (50%) e *ri a despropósito* (33%). E no masculino, o comportamento mais evidenciado foi *brinca sozinho* (33%) e *faz rir os colegas* (25%).

A turma era muito competitiva, e no geral, era muito boa no Basquetebol. Os comportamentos *ri a despropósito* e *faz rir os colegas* podem ser resultado dessa competitividade. Os alunos tinham tendência de fazer pouco uns dos outros. Na categoria *Deslocações e Movimentos*, os comportamentos mais observados, e em ambos os sexos, foram *desloca-se no espaço de aula, sem permissão* e *está fora do seu sítio*.

O comportamento *desloca-se no espaço de aula, sem permissão* acontecia muitas vezes quando os alunos iam ao balneário ou iam buscar uma bola à bancada sem pedirem autorização à professora. As raparigas tinham a tendência a ir todas juntas buscar a bola à bancada o que perturbava bastante o desenrolar da aula. O mesmo fenómeno se verificava nos rapazes.

O comportamento *está fora do seu sítio* ocorria por diversas vezes na organização de grupos. As raparigas, por diversas vezes, não queriam pertencer a um determinado grupo porque queriam ficar com “a amiga” ou porque não queriam ficar com tantos rapazes.

Com o quadro (19) seguinte, pretende-se identificar que alterações fariam os alunos na aula de EF em diferentes dimensões (espaço de aula, professor e alunos) para promover sessões com menor incidência de comportamentos inadequados.

Quadro 19. Alterações que os alunos fariam nas diferentes dimensões: espaço de aula, professor, colegas ou neles próprios

	Freq	%
Espaço de Aula	1	4
Professor	0	0
Colegas	10	40

Neles próprios	14	56
Total	25	100

No quadro 19, procurou-se entender que alterações de mudança os alunos desejavam em relação ao espaço de aula, ao professor, aos colegas e neles próprios, de modo a fomentar o sentimento de bem-estar e até de responsabilidade na turma.

No que diz respeito ao espaço de aula, só um aluno modificava o espaço de aula relativamente ao tamanho (mais ampla) como se pode evidenciar na resposta deste aluno: "...mudaria o espaço de aula porque às vezes não chega para os aparelhos todos". Esta resposta vai de encontro ao espaço utilizado para a lecionação das aulas de Ginástica.

Em relação ao professor, os alunos não mudariam nada no comportamento do professor. Isto pode querer dizer que os alunos sentem empatia pelo professor e que a sua atitude na aula não influencia os comportamentos de indisciplina dos alunos.

Relativamente às alterações de mudança nos colegas, dez alunos falam em modificar o comportamento dos colegas, porque dizem que estes se portam mal ou não se esforçam. Algumas das respostas mais pertinentes dos alunos sobre o comportamento dos colegas foram: "eles deviam fazer o que o professor manda e não fazer barulho"; "eu fazia com que a turma se portasse melhor e que tivesse um comportamento adequado"; "...os meus colegas acho que também deviam de mudar o comportamento e não gozar com os outros que não são tão bons no desporto"; "eu mudava tudo o que está de mal"; "os desconcentrados trabalhar mais"; "não falar e não agredir".

Catorze alunos emendariam o seu comportamento, tal como se verifica nas suas respostas: "não falaria mais"; "portava-me melhor"; "não berrava nem imitava o professor"; "trazia mais vezes o material e deixava de armar confusões".

A resposta que pareceu mais pertinente e importante foi a de uma aluna que refere que "para melhorar o comportamento da turma temos de começar por melhorar os nossos próprios comportamentos".

Veiga (2001) menciona que “...quem não for capaz de reconhecer que errou, nunca estará preparado para se corrigir”. Todos os alunos têm consciência dos seus comportamentos de indisciplina, e o mais importante, têm a noção que será necessário modificar o seu comportamento no âmbito das atitudes.

5.8. Conclusão

Os resultados desta investigação permitiram identificar e caraterizar os comportamentos inapropriados nas aulas de EF, através das perceções dos alunos (vinte e quatro), e através das observações realizadas a seis alunos, três rapazes e três raparigas, escolhidos aleatoriamente. Também permitiu perceber como se pode contribuir para transformar um contexto que suscita queixas e sentimentos de insatisfação em bem-estar pessoal e social.

A turma carateriza-se por ter um rendimento médio e, a nível disciplinar, é caraterizada por comportamentos de indisciplina que perturbam a comunicação (barulho) e as relações humanos em contexto de salas de aulas e nas aulas de EF.

A perceção dos alunos, relativa ao seu comportamento, indica que os alunos não consideram ter um comportamento indisciplinado, mas quando confrontados com comportamentos específicos, todos referem manifestá-los, evidenciando os rapazes mais comportamentos de indisciplina que as raparigas. Estes comportamentos, agrupados por categorias, permitiram verificar que a categoria mais expressiva se relacionou com os comportamentos da categoria *Distração e Entretenimento*.

Nas aulas de Ginástica, os alunos demonstraram ter mais comportamentos de desvio, podendo ser um dos motivos, a preferência de uma modalidade coletiva em vez de uma modalidade individual. Ambas as modalidades obtiveram mais comportamentos de indisciplina na categoria *Distrações e Entretenimento*, sendo que de seguida se verificou na Ginástica mais comportamentos de indisciplina na categoria *Barulho* e em Basquetebol na categoria *Deslocações e Movimentos*.

Os comportamentos inapropriados mais observados, dentro da categoria *Distrações e Entretenimento*, nas aulas de Ginástica, foram *ri a despropósito* e

fala de forma descontextualizada no gênero feminino. E no masculino, os comportamentos mais evidenciados foi *brinca com outros colegas* e *faz rir os colegas*.

Na categoria *Barulho*, o comportamento mais observado nas aulas de Ginástica, e em ambos os sexos, foi *fala sem autorização do professor*.

Os comportamentos inapropriados mais observados, no feminino, dentro da categoria *Distrações e Entretenimento*, nas aulas de Basquetebol foram *brinca com outros colegas* e *ri a despropósito*. E no masculino, o comportamento mais evidenciado foi *brinca sozinho* e *faz rir os colegas*.

Na categoria *Deslocações e Movimentos*, os comportamentos mais observados, e em ambos os sexos, nas aulas de Basquetebol, foram *desloca-se no espaço de aula, sem permissão* e *está fora do seu sítio*.

Mediante estas conclusões, pode-se dizer que independentemente de a modalidade ser coletiva ou individual parece influenciar o tipo de comportamentos manifestados pelos alunos. Porque, apesar de, em ambas as modalidades, terem sido observados mais comportamentos de indisciplina na mesma categoria, nem sempre foram observados os mesmos comportamentos nas suas subcategorias. Para além de que as causas para esses comportamentos também poderão não ser as mesmas. A vertente da preferência por uma das modalidades também poderá afetar a atuação dos alunos nas aulas de EF.

Relativamente às alterações que os alunos fariam nas várias dimensões (espaço de aula, professor, colegas, neles próprios), os alunos alterariam sobretudo o seu comportamento disciplinar. A consciencialização por parte dos alunos é um passo importante na promoção de bem-estar num contexto que suscita sentimentos de insatisfação.

Como limitações do estudo aponta-se a dificuldade na escolha da literatura existente na área de indisciplina, não pela escassez, mas pela sua enorme quantidade e variedade, quer nacional quer internacional.

5.9. Referências Bibliográficas

Almeida, L., & Freire, I. (2000). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.

Amado, J. S. (2001). *Interacção Pedagógica e Indisciplina na aula*. Porto: Edições ASA.

Bogdan, O., & Biklen, K. (2006). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, J. (1998). Comportamentos desviantes. In Campos, P. *Psicologia de Desenvolvimento de Jovens*. (pp. 215-249). Universidade Aberta.

Domingues, I. (1995). *Controlo disciplinar na escola, processos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.

Fortin, F. M. (1999). *O Processo de Investigação*. Loures: Lusociência.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Lopes, J. (2012). Indisciplina em Sala de Aula – perspetivas de diferentes atores da comunidade escolar. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade dos Açores.

Oliveira, R. (2003). Estudo comparativo de Comportamentos de Indisciplina nas aulas de Educação Física em dois Contextos Escolares Diferenciados. Tese de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra.

Ribeiro, P. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto: Legis Editorial/Livepsic.

Siedentop, D. (1983). *Development teaching skills in Physical Education, 2nd edition*. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.

Tavares, P. (2004). Representações dos professores acerca dos comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Veiga, F. H. (2001). *Indisciplina e violência na escola – práticas comunicacionais para professores e pais, 2nd edition*. Coimbra: Livraria Almeida.

White, G., Bailey, S. (1990). *Reducing Disruptive Behavior of Elementary Physical Education Students and Site and What*. Journal of Applied Behavior Analysis. Consult. em 2 de Jun 2015, disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1286246/>.

6. Conclusão Geral e Perspetivas para o Futuro

O EP foi uma etapa trabalhosa e desafiante. Ao longo de um ano letivo, foi possível acompanhar e lecionar as aulas de EF a uma turma do 6ºano (turma residente), a uma turma do 7ºano e a duas turmas do 8ºano. Paralelamente, desenvolvi a minha atuação em outras atividades educativas, tais como, o Clube de Dança, Corta-Matos, Cicloturismo, entre outros.

Este documento proporcionou a reflexão de toda a atividade realizada ao longo deste ano letivo 2014/2015.

Sabia desde logo que esta nova experiência iria ser algo diferente e enriquecedor para a minha vida. Através das minhas primeiras vivências, rapidamente me apercebi que o EP seria algo que iria fazer revolucionar o meu quotidiano. O sentimento inicial foi negativo por me sentir desmotivada interiormente, talvez pela imensidão de tarefas e turmas com que me deparei no começo do EP. Contudo, com a ajuda da PC, dos meus colegas de estágio e sobretudo com a ajuda do meu companheiro encontrei o rumo certo para ultrapassar esta fase menos positiva.

Todo este investimento de aprendizagem abriu-me imensas portas para uma satisfação de realização pessoal e profissional. Os momentos que passei no seio de toda a comunidade escolar da Escola EB 2,3 da Senhora da Hora fizeram com que no final a vontade de querer continuar fosse extremamente desejada.

A experiência de “comandar” quatro turmas, sendo duas delas partilhadas, ensinar e partilhar conhecimentos fez-me querer saber mais e tornei-me numa pessoa muito mais reflexiva e ponderada.

Agora que me encontro no final de uma etapa, outros se avizinham. Confesso que o sentimento de insegurança que me domina por dentro é algo inquietante, pois atravessamos momentos em que o mercado de trabalho se encontra escasso. Porém, como jovem ambiciosa e lutadora que considero ser

irei imigrar para Inglaterra para conseguir um futuro estável e repleto de felicidade profissional e pessoal.

7. Referências Bibliográficas

Alarcão, I. (1997). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Arends, R. I. (1995). *Aprender a Ensinar*. Alfragide: McGRAW-HILL de Portugal.

Batista, P., & Queirós, P. (2013). *O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional*. In FADEUP (Ed.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 33-52). Porto.

Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Horizonte.

Carrasco, J. F. (1989). *Como avaliar a aprendizagem*. Coleção Práticas Pedagógicas. Rio Tinto: Edições Asa.

Carvalho, P. (2011). Relatório Final de Estágio. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Carvalho, R. (2006). Cultura Global e Contextos Locais: A Escola como Instituição Possuidora de Cultura Própria. *Revista iberoamericana de educación*. Consult. 24 Out 2014, disponível em <http://www.rieoei.org/deloslectores/1434GilGomes.pdf>.

Costa, F. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física*. Estudo das condições e fatores de Ensino-Aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino. Edições F.M.H.

Dance, R. (s/d). Citações da Dança. Consult. 23 Jun 2015, disponível em <http://www.mundodadanca.art.br/2010/01/frases-sobre-danca-danca-e-linguagem.html>.

Feiman-Nemser, S., & Norman, P. (2000). Teacher Education: From initial preparation to continuing professional development. In Moon, B.; Brown, S. & Bern. Peretz, M. (Org.), *Routledge international companion to education* (pp. 732-755). New York: Routledge.

Gati, I., Krausz, M., & Osipow. SH. (1996). *A taxonomy of difficulties in career decision making*. J Couns Psychol.

Lucas, M. (2010). 8 Citações super motivacionais para atletas. Consult. 24 Jun 2015, disponível em <http://www.escolapsicologia.com/8-citacoes-super-motivacionais-para-atletas/>.

Maccario, B. (1982). *Théorie et pratique de l'évaluation dans la pédagogie des A.P.S.* Paris: Editions Vigot.

Mandela, N. (2000). Citador. Consult. 25 Jun 2015, disponível em <http://www.citador.pt/frases/citacoes/a/nelson-mandela>.

Marinho de Oliveira, V. (2012). Educação Física Consult. 25 Jun 2015, disponível em <http://educarmovimento.blogspot.co.uk/2012/03/frases-sobre-educacao.html>.

Marques, R. (1994). *A direção de turma – integração escolar e ligação ao meio*. Porto: Texto Editora.

Mesquita, I., & Graça, A. (2009). Modelos Instrucionais no Ensino do Desporto. In F. d. M. Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto*. Universidade Técnica de Lisboa.

Metzler, M. W. (2000) *Instructional Models for Physical Education*. Massachusetts: Allyn and Bacon

Proença, J. (2008). *Formação inicial de professores de Educação Física*. Testemunho e compromisso. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Rink, J. (1993). *Teaching Physical Education for Learning* (2.^a ed.). St. Louis: Mosby.

Rodrigues, J., & Ferreira, V. (s/d). Valores e Expetativas dos Professores Estagiários. Consult 24 Out 2014, disponível em http://www.ipv.pt/millenum/ect10_jr&vf.htm.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2009). *Pedagogia do Desporto*. Edições Faculdade de Motricidade Humana: Universidade Técnica de Lisboa.

Siedentop, D. (1983). *Development teaching skills in Physical Education*, 2nd edition. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.

Siedentop, D. (1998). Las estratégias generales de enseñanza. In *Aprender a enseñar la educación física*. Barcelona: INDE.

Távora, D. (s/d). Pensador. Consult. 23 Jun 2015, disponível em http://pensador.uol.com.br/autor/dennys_tavora/

Tonello, M., & Pellegrini, A. (1998). A Utilização da Demonstração para a Aprendizagem de Habilidade Motoras em Aulas de Educação Física. Consult. 01 Jul 2015, disponível em <http://www.cpaqv.org/aprendizagem/demonstracaoparaaprendizagemmotora.pdf>.

Vickers, J. N. (1989). *Instructional Design for Teaching Physical Education*. University of Calgary, Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

Anexos

Anexo 1



Anexo 2

Questionário Individual do Aluno

Ano Letivo 2014/2015

Dados Pessoais		
Nome: _____		
Número de Aluno: _____	Data de Nascimento: / /	
Eu sou...		
☐ Simpático	☐ Ansioso	☐ Inseguro
☐ Confiante	☐ Aplicado	☐ Respeitador
☐ Tímido	☐ Teimoso	☐ Autoconfiante



Percursos Escolares	
Disciplinas preferidas: _____	
Disciplinas que menos gostas: _____	
Disciplinas que tens mais dificuldades: _____	
Disciplinas que tens menos dificuldades: _____	
Qual é a tua motivação para as aulas de Educação Física (E.F.)?	
☐ Nenhuma	☐ Pouca ☐ Suficiente ☐ Bastante
Achas Educação Física importante para a tua formação pessoal? ☐ Sim ☐ Não	
Porquê? _____	
De 1 a 5 quanto gostas de E.F. (1- pouco; 5- muito)	
☐ 1	☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5



Percursos Desportivos	
Praticas alguma modalidade? ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual? _____	
Es federado? ☐ Sim ☐ Não Se sim, há quantos anos? _____	
Modalidades que mais gostas: _____	
Modalidades que menos gostas: _____	
Modalidades que nunca praticaste, mas gostarias: _____	
Modalidades que gostarias de ter nas aulas de E.F.: _____	



Historial Médico	
Tens algum problema de saúde? ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual? _____	
Vês bem? ☐ Sim ☐ Não Ouves bem? ☐ Sim ☐ Não	
Tens algum fator que condicione a prática de E.F.? ☐ Sim ☐ Não	
Se sim, qual? _____	



Expectativas	
Quais são as tuas expectativas referentes à disciplina de E.F.? _____	
Esperas que o teu professor de E.F. seja... (Seleciona 3 opções)	
☐ Criativo	☐ Justo ☐ Exigente ☐ Compreensivo ☐ Amigo ☐ Atencioso
☐ Comunicativo	☐ Respeitador ☐ Dinâmico ☐ Educador ☐ Honesto



Obrigado pela tua colaboração!

Filipe Alves | Mariana Pinto | Mariana Duarte

Núcleo de Estágio Profissional
Mestrado de Ensino

Anexo 3



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



U. PORTO

FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Autorização do Encarregado de Educação 2014-15

Escola:

Agrupamento de Escolas da Senhora da Hora

Eu abaixo assinado (a) _____
declaro que autorizo o meu educando _____,
do _____ Ano, da Turma _____, nº _____, no clube de Dança a realizar às Quintas-Feiras pelas 17h35
até às 18h15 no Pavilhão da Escola.

O/A encarregado (a) de educação: _____ Data: ____ / ____ / 2014

Professora Responsável

(Paula Águas)

Professora de Dança

(Mariana Pinto)

SUBMANIA

Escola de Mergulho
www.submania.pt



DESCOBRIR O
MERGULHO
SUBAQUÁTICO

Data: 21 de abril
Turmas: 8°B - 8°C

Data: 23 de abril
Turmas: 8°A - 8°D

Local: Piscina Municipal da
Senhora da Hora

Organização: Núcleo de
Estágio Profissional
de Educação Física
2014/2015





SUBMANIA

Escola de Mergulho
www.submania.pt



SNORKELING
IS FUN



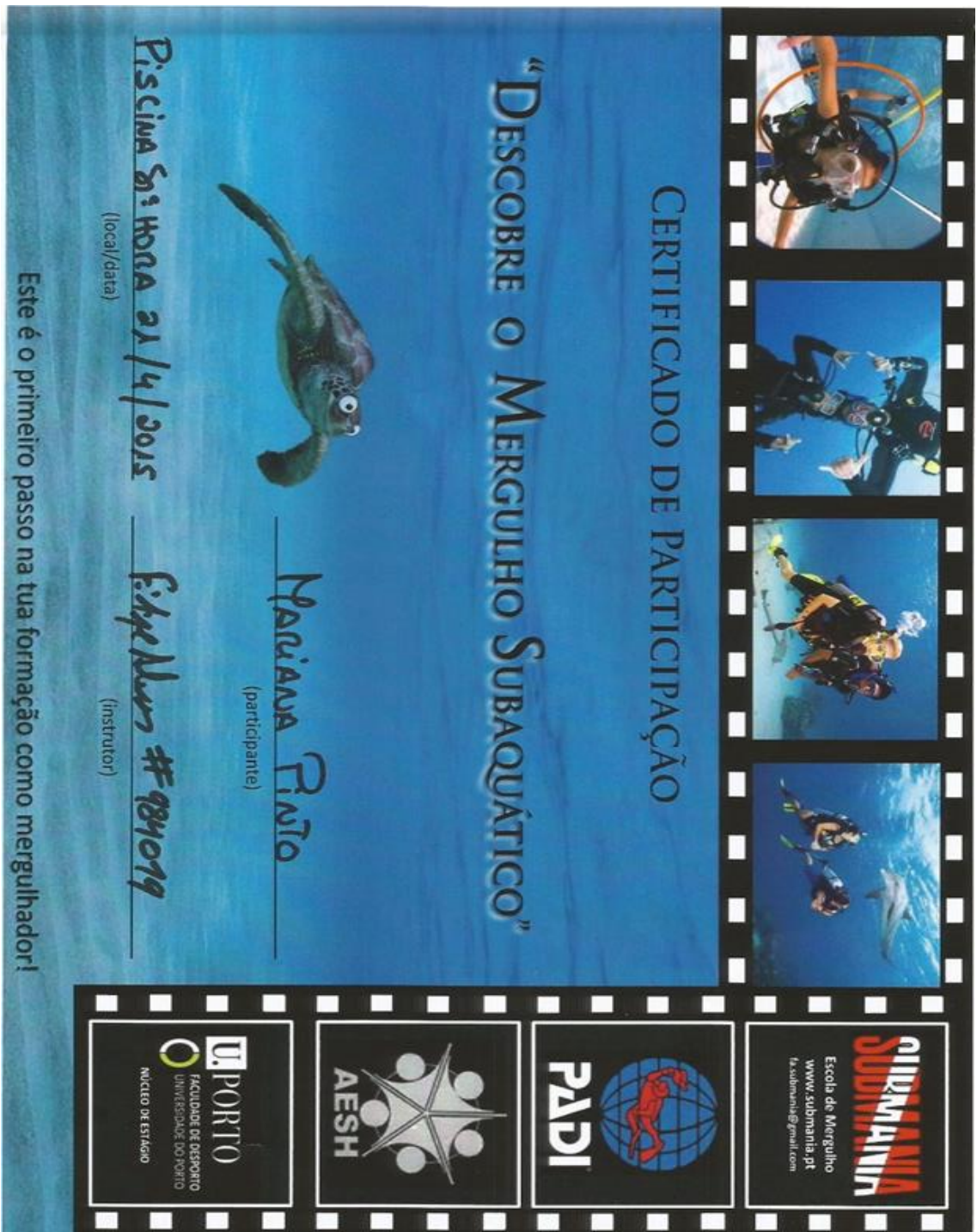
Data: 14 de maio
Turmas: 5^ºH - 7^ºC

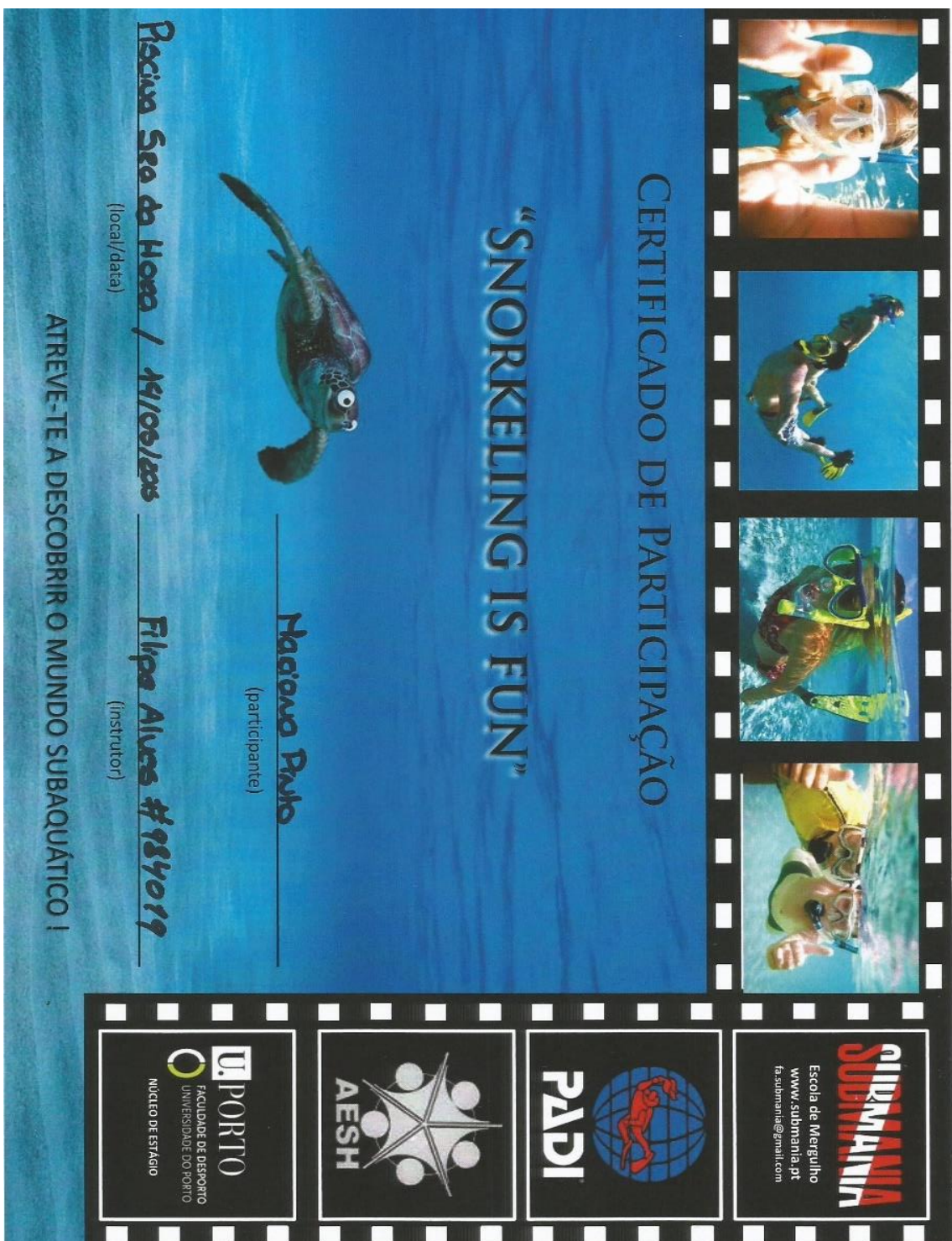
Local: Piscina Municipal da
Senhora da Hora

Organização: Núcleo de
Estágio Profissional
de Educação Física
2014/2015









Anexo 8

Grelha de Observação de Comportamentos dos Alunos nas Aulas de Educação Física			
Categoria	Comportamento	3 Rapazes	3 Raparigas
Distrações e entretenimento Comportamentos que retiram o aluno da tarefa; aluno está fora da tarefa mas não perturba a aula.	Brinca sozinho		
	Brinca com outros colegas		
	Ri a despropósito		
	Faz rir os colegas		
	Fala com os colegas de forma descontextualizada		
Deslocações e movimentos Movimentos, posturas e mímicas: comportamentos que retiram o aluno da tarefa e que perturbam a aula. Comportamentos que perturbam o rendimento da classe.	Desloca-se no espaço de aula, sem permissão		
	Está fora do seu sítio		
	Sai da aula, sem permissão		
	Lança material móvel de Educação Física pelo ar (ex: bolas, cones, etc.)		
Convenções sociais Comportamentos que violam os hábitos sociais estabelecidos. Quebra de regras sociais impostas pela cultura escolar	Falta à aula		
	Chega atrasado		
	Espreguiça-se		
	Boceja		
	Dorme		
	Danifica material do espaço de aula		
	Suja o material ou espaço de aula		
	Diz palavrões		
Barulho Comportamentos que perturbam a comunicação na aula.	Grita		
	Canta		
	Assobia/apita		
	Fala sem autorização do professor		
	Faz ruído com objetos/ corpo		
Trabalho Comportamentos do aluno que impedem a execução das tarefas	Não traz material necessária à aula		
	Não colabora nas tarefas propostas pelo professor		
Relação Aluno-Aluno Comportamentos que perturbam as relações humanas.	Insulta		
	Ameaça		
	Agride fisicamente (dá pontapés, puxa pela roupa do colega)		
	Empurra		
	Atira objetos propositadamente a um colega		
	Não ajuda os colegas		
Relação Aluno-Professor Comportamentos que perturbam as relações humanas.	Repete tudo o que o professor diz		
	Interrompe com perguntas/comentários inapropriadas		
	Recusa-se a obedecer às instruções		
	Ameaça o professor		
	Insulta o professor		
	Goza com o professor		
	Desafia/protesta/contrapõe as ordens do professor		
	Rejeita ideias do professor		

Adaptado de Lopes, 2012

Anexo 9

Questionário sobre a Indisciplina dos Alunos nas Aulas de Educação Física

Este questionário integra um projeto de investigação que estou a realizar no âmbito do Estágio Profissional do curso Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Para conseguir fazer este trabalho preciso da tua ajuda e colaboração, que desde já agradeço. Não deves escrever o teu nome em parte alguma, mas peço-te que penses e sejas sincero nas tuas respostas.

1. Eu sou do sexo:

Masculino ☐ Feminino ☐

2. Considero que na minha turma os comportamentos de indisciplina acontecem?

Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Poucas vezes ☐ Nenhuma vez ☐

3. Como caracterizas o teu comportamento?

Porto-me bem ☐ Porto-me bem às vezes ☐ Porto-me mal ☐

4. Dentro destas categorias que comportamentos costumas ter nas Aulas de Educação Física?

Distrações e Entretenimento	
Brincas Sozinho	☐
Brincas com os teus colegas	☐
Ris a despropósito	☐
Fazes rir os teus colegas	☐
Falas com os teus colegas de forma descontextualizada	☐
Deslocações e Movimentos	
Deslocas-te no espaço de aula, sem permissão	☐
Estás muitas vezes fora do teu lugar	☐
Sais da aula, sem permissão	☐
Lanças material utilizado nas aulas de EF pelo ar	☐
Convensões Sociais	
Faltas muitas vezes à aula	☐
Chegas atrasado à aula	☐
Espreguiças-te na aula	☐
Bocejias na aula	☐
Dormes na aula	☐
Danificas o material do espaço de aula	☐
Sujas o material do espaço de aula	☐
Dizes palavrões	☐
Barulho	
Gritas	☐
Cantas	☐
Assobias	☐
Falas sem autorização do professor	☐
Fazes ruídos com objetos ou com o corpo	☐

Anexo 10

Trabalho	
Não trazes muitas vezes material necessário à aula	☐
Não colaboras nas tarefas propostas pelo professor	☐
Relação Aluno-Aluno	
Insultas os teus colegas	☐
Ameaças os teus colegas	☐
Agrides fisicamente os teus colegas	☐
Empurras os teus colegas	☐
Atiras objetos de propósito aos teus colegas	☐
Não ajudas os colegas	☐
Relação Aluno-Professor	
Repetes tudo que o professor diz	☐
Interrompes o professor com perguntas/comentários inapropriados	☐
Recusas-te a obedecer às instruções do professor	☐
Ameaças o professor	☐
Insultas o professor	☐
Gozas com o professor	☐
Desafias/ Protestas/ Contrapões as ordens do professor	☐
Rejeitas ideias do professor	☐

5. Em qual destas categorias farias alguma mudança de forma a aumentar o bem-estar da turma?

Espaço de aula ☐ Professor ☐ Colegas ☐ Em ti próprio ☐

6. Que mudanças farias nas categorias que assinalas-te?

7. Gostas de Basquetebol?

Não gosto ☐ Gosto ☐ Gosto muito ☐

8. Gostas de Ginástica de Aparelhos?

Não gosto ☐ Gosto ☐ Gosto muito ☐

Adaptado de Loper, 2012

Obrigado pela tua colaboração!